

Luís N'zinga



NAS RUAS DA IMAGINAÇÃO

Pisadas de um Aprendiz

Colectânea
de Contos

**BARTUMU
EDITORA**

Dá vida às tuas escritas

Luís N'zinga

NAS RUAS DA IMAGINAÇÃO

Pisadas de um Aprendiz

Colectânea
de Contos

Copyright © Luís N'zinga, 2023

Todos os direitos desta edição reservados à
BARTUMU Editora. 946671192 – Luanda – Samba.

[BARTUMU Editora](#)

L953n N'zinga, Luís – 1991
 Nas ruas da imaginação /
Luís N'zinga Luanda, AN : Bartumu Editora,
2023.

1. Contos
2. Desenvolvimento pessoal.
3. Folclore africano

I. Título

CDD – 869

DEDICATÓRIA

Ao meu Pai (Nzuzi Malungo) – meu primeiro mentor e pilar no mundo da leitura e da escrita);

Ao B. Boy Seke Diantuntatunta (meu Professor in memorian – sou grato pela forma como me marcou em 2008 e 2009, a oferta do livro de John Powell “Felicidade um trabalho Interior” produziu resultados que se mantém até hoje);

Ao Bitini Bia Mambu por me iniciar no mundo do jogral e da poesia. Professor Adilson Mambu (in memorian) por me iniciar na leitura crítica e a filosofar;

Ao Dr. Moniz Sebastião e Dr. Pedro de Castro Maria e ao Mwayenda Nyoka, por me ensinarem que o mundo é maior do que eu imaginava, que existem vários ângulos para ver as coisas e por ampliarem o meu horizonte. Devo-lhes bastante para existir como leitor e autor;

E especialmente aos meus filhos que espero, venham a amar muito de ler e escrever.

AGRADECIMENTO

A Deus pelo dom da escrita e por me dar a cada dia, motivos para exercitar esse dom e com ele iluminar vidas.

Aos meus pais, professores e mentores por investirem na minha formação – graças a eles, hoje posso ler e escrever.

Ao meu mais antigo irmão e sempre novo companheiro de escrita, Mwayenda Nyoka.

A minha família em geral e a todos que acreditam no depósito de Deus em mim, no campo da escrita e não só.

Ao Bênção Artur, meu filho, amigo e agora meu editor, por me aturar. Ele é realmente uma Bênção!

Ao Luís da Silva Ubuntu (o jovem do Sambila), por aceitar e ousar prefaciá-lo este trabalho. A Dr.^a Maria da Glória, minha Querida Esposa, por cuidar de mim e por não invadir o meu espaço sempre que me devoto a leitura e a escrita.

E a todos outros que não citei os nomes – cada um de vocês tem um lugar no meu coração. Acreditem eu sou porque vocês existem e fazem toda a diferença!

Muito Obrigado

PREFÁCIO

A oralidade sempre foi o cartão postal dos nossos ancestrais, que não se cansavam de contar histórias carregadas de lições de vida que passavam de geração para geração, de boca em boca. Porém, muitas dessas lições de vida ensinadas em forma de contos se perderam por não terem sido devidamente registradas em manuscritos.

"Nas Ruas da Imaginação" é um livro repleto de lições de vida, contadas com a sabedoria de alguém que parece ter vivido e aprendido muito, ouvido muito e falado pouco; O autor deseja compartilhar e ensinar um pouco do muito que aprendeu. Cada conto deste livro transmite um ensinamento para a vida, reactiva a nossa humanidade e nos faz viajar para dentro de nós mesmos para refletir sobre o que temos feito.

O autor seguiu à risca o velho adágio "O que é bom dura pouco". Um livro tão prazeroso que parece terminar num piscar de olhos, mas aí está a beleza da obra. Embora curto, cada texto deste livro certamente viverá para sempre no seu coração e, com certeza,

passará de geração para geração. Tenho a certeza de que, após a leitura, você irá querer compartilhar e comentar com todos próximos de você sobre as lições aprendidas em "Nas Ruas da Imaginação".

Luís da Silva Ubuntu

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------------|----|
| MUNTU YE M'BANDI | 1 |
| O PEIXE GALINHA | 13 |
| UMBILICA – O BRAVO CAMPONÊS | 29 |
| A PEDRA QUE MATOU A COBRA | 41 |
| MINHA 1ª CAÇADA | 46 |
| APHRAKA | 52 |
| O KÃO ADORADOR..... | 59 |
| CASA MORTUÁRIA..... | 73 |
| MULHER - ÁRVORE | 86 |
| AUTORIA..... | 91 |



MUNTU

YE M´ANDI¹

O Rato que não queria ser ele
mesmo.

¹ Expressão kikongo que significa: cada pessoa com os seus (Problemas).

MUNTU YE M'ANDI – O rato que não queria ser ele mesmo

Vivia um certo ratinho “*ne mbende*”² num matagal próximo à aldeia de N´ingu³, cuja queixa constante era a perseguição que sofria sempre que saía em busca de víveres para matar a fome e manter-se vivo.

Existem naquele matagal impressões vívidas de ratinídeos⁴ que comprovam terem vivido ali gerações e gerações de “*mbendae-africanus*”⁵ – uma das espécies mais antigas de ratos, há muito tempo atrás, quando os homens viviam ainda em perfeita harmonia com os bichos e com o meio – quando a aldeia nem sequer era um sonho.

Um dia, o ratinho “*ne mbende*” saiu em busca de comida. Se por sorte ou por azar, cruzou-se com dois homens – um velho e um *fitokotoko*⁶ – que tão logo perceberam a presença do ratinho, puseram-se a perseguí-lo para matá-lo. Por sorte, o ratinho conseguiu escapar.

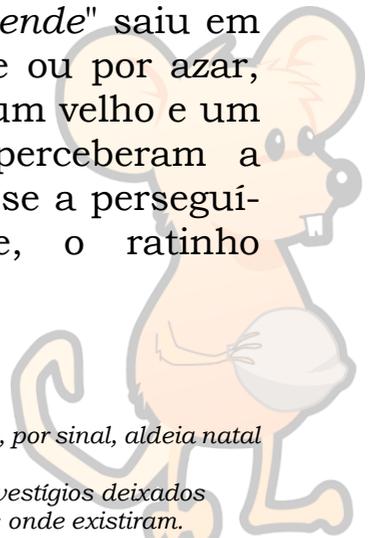
² Nome de uma espécie de rato em Kikongo.

³ Aldeia do Município de Damba, Província do Uíge, por sinal, aldeia natal do autor.

⁴ Expressão criada pelo autor para se referir aos vestígios deixados pelas mais antigas espécies de ratos, nos lugares onde existiram.

⁵ Expressão criada pelo autor para se referir a mais antiga espécie de ratos.

⁶ Expressão Kikongo que significa Jovito.



MUNTU YE M'ANDI – O rato que não queria ser ele mesmo

Certo dia, cansado das perseguições e da vida de ser rato, decidiu queixar-se ao Espírito Criador para dar tratamento à sua situação.

Curioso, não é? Um rato que acredita em espíritos? Crerão também os outros bichos? Terão eles consciência da existência de forças sobrenaturais? Bem, deixemos isso para lá. Um dia, virá alguém corajoso para nos contar isso e outras coisas que desconhecemos.

– Mas os humanos!... Os humanos são assim porquê? Quando saem para explorar o meio em busca de seus interesses, nós, os ratos, não perturbamos suas vidas. Quando outros seres o fazem, acham-se no direito de impedi-los e puni-los, como se fossem os donos legítimos e supremos de tudo! Ocupam áreas e as demarcam, fazem armadilhas que matam bichos ferozes e outros simples e inocentes. Oh, natureza selvagem! Espíritos contra espíritos, espíritos contra humanos, humanos contra humanos, humanos contra bichos, bichos contra bichos, enfim, todos contra todos!... – Lamentou o ratinho "*ne mbende*".

– Um gajo sai para procurar comida, e só isso é motivo suficiente para ser perseguido ou morto se for pego? Não importa se é na

MUNTU YE M'ANDI – O rato que não queria ser ele mesmo

mata ou nos lugares onde vivemos, os homens sempre nos perseguem e matam. Os homens são capazes de envenenar alimentos que não precisam só para matar um pobre rato, por passar onde estão. Imaginem se todos os bichos fossem tão maus como os homens e envenenassem tudo o que os homens consomem na calada da noite? Custa tanto entender que um rato não mexe porque quer, mas porque precisa? Quantos homens roubam apenas para satisfazer sua ganância, mas são eleitos e protegidos por aqueles a quem prejudicam? Prosseguiu.

– Espírito, Espírito Criador! Dizia o rato gemendo: se ainda vives e a vida dos bichos importa, responde:

– Por que fez-me existir? O que minha existência acrescenta de valor ao mundo e o que ganho por continuar vivo? Os humanos não nos querem na terra. Um rato não tem propriedade privada onde possa pegar o que comer, sem ser perseguido por seres maiores que ele e correr risco de vida. Gatos, cobras, cães, até os homens que vivem mais tempo, todos atrás de um pobre rato que só procura sobreviver e deveria ser protegido por eles? Quem me dera ser gato e poder sentar

MUNTU YE M'ANDI – O rato que não queria ser ele mesmo

livremente entre os homens, no colo ou nas camas deles e até ser protegido por eles! Como podem seres tão privilegiados perseguir um serzinho indefeso?

– *Tintin nguindin, Tintin nguindin, Tintin nguindin!*⁷ Ouvem-se *ngomas*, *chocalhos*, *kingongos*, bramidos e vozes pelo matagal, e um suave som⁸ ecoa:

Eh Muane, muntu ye m'andi... muntu ye m'andi, Hahaha! Muntu ye m'andi, muntu ye m'andi. Vo utuka kaka vava nza, muntu ye m'andi. Kevena muntu kondele mambu ko, muntu ye m'andi. Mambu yi kalasi kia luzingu eh, muntu ye m'andi, muntu ye m'andi. Hahaha...

Seguiu-se um silêncio e de repente, o ratinho tornou-se num gato. O que deu a entender que o Espírito Criador consentiu com o seu pedido, apesar do conteúdo da música.

Alegre, o gatinho dirigiu-se à aldeia, onde foi prontamente acolhido por um aldeão.

⁷ Imitação do som do batuque, cocalho e outros instrumentos folclóricos à mistura

⁸ Filho meu, cada pessoa tem os seus problemas, basta nascer, cada um com os seus (problemas), ninguém há sem problemas, cada um com os seus (problemas), aliás, problemas fazem parte da escola da vida, cada um com os seus (problemas).

MUNTU YE M'ANDI – O rato que não queria ser ele mesmo

Não tardou para que ele, que resmungava pela sua antiga condição de rato, começasse também a persegui-los ao invés de protegê-los. Teria a transformação apagado nele os sentimentos de um bom bicho? Já não se lembrava das amarguras de ser um rato? Mas não tardou para que se cansasse de ser gato. Afinal, nem todos os homens gostam de gatos como pensava. Uns porque, na intenção de fingirem ser higiênicos, os gatos podem guardar suas fezes na roupa ou na fuba; outros porque o gato provoca asma em crianças; uns porque o gato é feiticeiro e outros perseguem-nos só para petiscá-los – diz-se que é boa carne. Somam-se a isso as lutas com os cães... Não tardou voltar ao matagal, mas dessa vez a pedir que fosse cão.

– Espírito, Espírito Criador, não me entenda mal, as vezes precipitamo-nos em algumas coisas, será que depois de transformado em gato, um pobre rato pode ainda tornar-se num cão?

– Tintin nguindin, Tintin nguindin, Tintin nguindin! Outra vez, ouvem-se ngomas, chocalhos, kingongos, bramidos e vozes pelo matagal, e um suave som ecoa:

MUNTU YE M'ANDI – O rato que não queria ser ele mesmo

Eh Muane, muntu ye m'andi... muntu ye m'andi. Hahaha! Muntu ye m'andi, muntu ye m'andi. Vo utuka kaka vava nza, muntu ye m'andi. Kevena muntu kondele mambu ko, muntu ye m'andi. Mambu yi kalasi kia luzingu eh, muntu ye m'andi, muntu ye m'andi, Hahaha!...

Outro silêncio e de repente o gato tornou-se num cão... notada a transformação, saltou de alegria, nem se lembrou de agradecer. Nos seus primeiros dias como cão, saltitava, abanava a cauda e latia com alegria. Mas isso não durou muito tempo, como devem imaginar. Como cão, tinha de ir à caça com seus novos donos, onde ajudava a pegar os outros bichos para os humanos. Durante o dia, quando estava em casa, ficava acorrentado, e durante a noite, era solto para vigiar a casa enquanto seus donos dormiam. E quando fizesse cocó, era espancado. Enquanto isso, as crianças humanas aprontavam, mas eram bem cuidadas, não importava o quanto aprontassem. Os pais saíam para trabalhar, e um outro adulto ficava em casa para cuidar delas. No regresso,

MUNTU YE M'ANDI – O rato que não queria ser ele mesmo

os pais traziam algo e atendiam às suas necessidades. Quanto privilégio!...

O agora cão queria ser uma criança humana. Voltou triste ao matagal, chorou e fez preces.

– Espírito Criador, Espírito Criador! Não sei o que dizer de mim. Estou profundamente triste, que de tanta tristeza, nem queria falar, mas se não for a você a quem mais falaria? Tu me fizeste um ser indefeso, com tantos seres grandes e privilegiados que existem, como os humanos, por exemplo...

E o cenário repetiu-se: gemidos, choros atrás de queixas. Depois a melodia e a solução! O cão era agora uma criança. Depois de transformada, foi à aldeia, onde por sorte, foi acolhida por uma mulher que não podia conceber e dar à luz. Estava empolgada por ser agora criança, por todos os cuidados que receberia dali em diante. Mas se por azar ou por sorte, começou a observar que as crianças não tinham liberdade de escolha em muitos casos, eram controladas, mandadas e às vezes punidas pelos adultos. Então achou que era melhor ser directamente adulto. Tão rapidamente, voltou a fazer preces, mas dessa vez aprenderia que o Espírito Criador não

MUNTU YE M'ANDI – O rato que não queria ser ele mesmo

realizava todos os pedidos. Na verdade, ele é que não queria entender a mensagem da música, só queria saber dos resultados, por tudo o que lhe fazia resmungar.

– Você já é humano, deve obedecer ao processo natural de crescimento para se tornar adulto. Aguenta – disse uma voz no meio do matagal.

O tempo passou, e o menino crescia. Enquanto crescia, começou a notar que mais responsabilidades se lhe acresciam, que os cuidados e as mordomias reduziam, que os humanos não eram tão ágeis e tão rápidos a fugir como os ratos, os gatos ou os cães. Quanto mais adulto ficava, mais obrigações tinha e menos livre era. Trabalhava tanto só para comer, beber e vestir. Lutava para ter um lugar específico onde viver. Gastava muito tempo aprendendo coisas que outros faziam por diversão, quando deveriam investir na livre criação e em habilidades práticas e simples para sobreviver.

Agora estava arrependido por tudo o que havia se tornado. A sua maior frustração era consigo mesmo. Pensou na última resposta que tinha recebido do Espírito Criador,

MUNTU YE M'ANDI – O rato que não queria ser ele mesmo

pensou que já não tinha volta, então decidiu acabar com a sua vida.

Mas para isso, teria de voltar ao matagal para pedir perdão e esclarecer os motivos do seu desaparecimento.

Espírito, Espírito Criador, agora sei que existes e que na verdade te importas com a vida de todos os seres. A criação deixou-se corromper pelo mal, assim como eu me deixei corromper pelos problemas. Experimentei gozos como gato, como cão e em cada etapa como humano, mas nunca me senti tão eu como quando era o ratinho "*ne mbende*". Eu sempre reclamei dos males que me aconteciam, mas poucas vezes agradei pelas coisas boas que me aconteciam. Pena que não posso voltar a ser rato. Agora sim, a minha vida perdeu o seu verdadeiro sentido. Eu me perdi. Vou acabar comigo, espero que me perdoes... – Ficou quieto, mas profundamente triste, denunciando o arrependimento. Passaram-se longos minutos, sem se ouvir nada. No meio do silêncio, o mesmo som de sempre, foi subindo de volume:

– Tintin nguindin, Tintin nguindin, Tintin nguindin! Voltou-se a ouvir ngomas,

MUNTU YE M'ANDI – O rato que não queria ser ele mesmo

chocalhos, kingongos, bramidos e vozes pelo matagal, e um suave som ecoou:

Eh Muane, muntu ye m'andi... muntu ye m'andi. Hahaha! Muntu ye m'andi, muntu ye m'andi. Vo utuka kaka vava nza, muntu ye m'andi. Kevena muntu kondele mambu ko, muntu ye m'andi. Mambu yi kalasi kia luzingu eh, muntu ye m'andi, muntu ye m'andi, Hahaha!...

– Sim, Espírito Criador, verdadeiramente "muntu ye m'andi". Eu sempre ouvia a música, mas não considerava o conteúdo. Era isso que sempre quiseste que eu aprendesse, mas eu me alegrava com a vaidade da transformação.

Outro silêncio e depois uma voz:

– Agora você encontrou a essência, embora de forma sofrida, mas encontrou. Agora se tornou um verdadeiro "*ne mbende*". Eu conheço o valor de cada ser que criei, mas se o ser não entender o valor que tem, o valor que lhe dou é nulo, se ele não admitir o valor que carrega em si e para os outros. Disse o Espírito Criador.

MUNTU YE M'ANDI – O rato que não queria ser ele mesmo

– Fez-se um raio nos céus e de repente, voltou a ser quem nunca deveria ter deixado de ser – o ratinho "*ne mbende*"!

Não sei que coisas mais aconteceram, mas pelo menos nunca mais desejou ser outra coisa a não ser ele mesmo.





O PEIXE GALINHA

A pesca Extraordinária

Desenho por: Manuel Lando

O PEIXE GALINHA – A pesca extraordinária

Fora um dia desses à pesca, não tinha minhoca nem carne, ou qualquer outro inseto. Tinha no bolso apenas 3 grãos de ginguba⁹. Coloquei-os um a um num anzol e lancei para o rio. Mas deixem-me contar bem como tudo começou:

Naquele dia, fomos os primeiros a chegar em casa, eu e meus irmãos. Deviam ser 16 horas. As pessoas já regressavam das lavras. Vinham também nosso pai com a catana no ombro e nossa mãe com a bacia dela na cabeça cheia de Kizaka¹⁰, da outra lavra além do rio.

– Ah, Não! Kizaca outra vez? Puxa a vida!... Resmunguei.

– Kinhoko! E vou fazer como? Hum, quem nu quero cumé kizaka, isso é com ele! Ripostou a minha mãe.

Pousou a carga no chão, e todos começaram a rir do meu desgosto em voltar a jantar Kizaka. Pelos bolsos, peixe-seco era comida de poucos, e para piorar, meus pais não eram daqueles que podiam matar uma cabeça de gado, senão para visitantes ou para celebrar um acontecimento solene.

⁹ Amendoim

¹⁰ Comida típica angola feita de folhas

O PEIXE GALINHA – A pesca extraordinária

Conhecia bem os truques do povo da minha sanzala¹¹; quando não quisessem partilhar a carne era preparada nas lavras ou dentro de casa. Traziam Kizaka ou outras verduras nas bacias e sentavam-se fora para prepará-las, só para disfarçar, como se fosse o único jantar do dia. Mas a inquietude desta vez era mesmo palpável por quase todos os rostos, não se ouvia falar de uma captura de carne há meses. A solidariedade nas sanzalas é tanta, que quase nada acontece sem se espalhar, até mesmo os assuntos da vida íntima. Se alguém tivesse apanhado ou morto um animal, já o saberíamos. Rolavam na banda¹² discussões sobre os antepassados estarem frustrados por nunca mais terem sido alimentados; por isso, haviam afastado os animais para bem longe. Mas então, se assim fosse, não teriam acabado com tudo o que se come? Ou tais antepassados eram todos carnívoros? Acredite, a conversa sobre a preservação e extinção das espécies, sobre a situação climática ou que os animais também observam as estações, vendo-se às vezes forçados a migrar pelas condições do lugar e

¹¹ *Vilas rurais*

¹² *Termo popularmente usado para descrever bairro, localidade...*

O PEIXE GALINHA – A pesca extraordinária

todos outros factores que podem propiciar ocorrências como essas, por mais lúcidas que pareçam, aqui não pegam.

Quando algo corre mal por cá, a medida de emergência é invocar os espíritos dos antepassados, porque acredita-se que quando morrem, voltam ao serviço dos deuses como mediadores, por isso são enterrados nas montanhas mais altas da região, de forma que fiquem mais próximos dos céus e suas orações cheguem mais rápido aos deuses. É que por cá, os mortos podem sim prejudicar ou ajudar os vivos. Conta-se até que há mortos que dão sonhos de dinheiro ou de enriquecimento, e outros que voltam para se vingarem dos seus malfetores ou assassinos. Então, fizeram-se as rezas, prepararam maruvo¹³, lungwila¹⁴, quiçângua¹⁵, carne de cabrito, de porco e galinhas, cozinharam de diferentes maneiras e fizeram oferendas aos antepassados. Passaram dias, semanas e meses, e não houve nenhum resultado sequer – as rezas e oferendas não surtiram efeito. Forjaram novos truques, uns porque talvez os

¹³ Bebida típica angolana extraída das palmeiras.

¹⁴ Bebida típica angolana feita de cana de açúcar e raízes.

¹⁵ Bebida típica e caseira angolana (que pode ser feita com farelo de milho, ananás, arrozbebidas).

O PEIXE GALINHA – A pesca extraordinária

antepassados não estivessem satisfeitos, outros porque talvez um dos oficiantes do rito fosse o culpado e alguns foram mais longe ainda, pensaram em coisas que nunca se tinham feito na nossa sanzala – sacrifício de sangue humano. Seriam nossos antepassados tão extremistas assim? Teriam aprendido a comer carne humana no mundo dos mortos?

– Se assim for, que seja o sangue de quem sugeriu primeiro. Não sei de quem teria sido essa opinião, mas sei que acabou com a ideia de sacrificar sangue humano.

Mas voltando ao assunto, jurei não comer Kizaka naquela noite e desafiei-os a trocarem o meu nome se assim o fizesse. Entrei no quarto, peguei o anzol e saí todo carrancudo.

Decidi ir ao rio pescar, e quando cheguei lá, percebi que não tinha levado nem minhoca, nem carne ou qualquer outro inseto sequer. Só tinha no bolso 3 grãos de ginguba. Nunca o tinha feito, nem sei o que e porquê me deu na mente? Coloquei-os um a um no anzol e lancei para o rio. Minutos depois, senti o anzol a vibrar, puxei de alegria, mas para minha decepção, a presa tinha mordido a isca e escapado. Sucedeu pela segunda vez. Senti

O PEIXE GALINHA – A pesca extraordinária

raiva e vontade de desistir, mas tive de mim uma visão desagradável e zombeteira por instantes. Não me via regressar à casa de mãos vazias e enfrentar outra zombaria por ter jurado não comer Kizaka naquela noite. A visão que tive de mim por instantes falou mais alto, então decidi insistir pela última vez, movimenteimei-me para a pedra mais alta no centro do rio, sentei e lancei o anzol. E comecei a assobiar para repor o ânimo e, desta vez, em pouco tempo, senti o anzol a vibrar, puxei para fora e, para minha surpresa, gritei:

– Galinha viva na água? Como veio aqui parar? Afogou-se? E como sobreviveu na água?

Lembrei das estórias de infância que meus avôs e outros mais velhos da Sanzala contavam, que às vezes, ao entardecer, as sereias saem do mundo das águas e veem à terra passear. Já não dava tanto crédito a essas lendas, mas naquele momento, tudo parecia fazer sentido para mim. Seria uma praga? Ou o fim dos tempos? Tive uma sensação estranha, ouvi fortes estalidos em

O PEIXE GALINHA – A pesca extraordinária

meu corpo e comecei a tremer. Ngana Nzambi!¹⁶ Exclamei.

Levar ou deixar? Corri assustado para casa para contar aos meus pais.

- Papá, Papá, vem só ao rio ver o que eu pesquei! Sai rápido a correr em direção ao rio, ele e meus irmãos seguiram-me. Posto ao rio, vi que ainda suspirava as últimas gotas de vida. Criei coragem e comecei a reparar bem e vi escamas de peixe em forma de penas, de tons pretos, azul-escuro esverdeado, laranja carregado e outras cores, e tem a boca em forma do bico de uma galinha – Qual galinha africana! Vi também barbatanas, guelras e outros "mambu"¹⁷ que só os peixes têm.

É estranho, não é? Na verdade, eu tinha pescado um peixe galinha com o terceiro grão.

Peixe galinha? Contaram-me, mas nunca tinha ouvido falar. Não come minhoca ou carne. Alimenta-se de ginguba, milho e outros cereais e grãos marinhos, às vezes de alguns insectos. Pode viver em água doce ou salgada. E até cacareja às vezes?

¹⁶ *Expressão da língua Kimbundu: ngana = Senhor Nzambi: de kuzambu: presentear (a vida, o mundo), expressão comumente usada para traduzir a ideia de Deus das alturas, promotor da existência, autor do bem e do mal, o Deus propriamente dito.*

¹⁷ *Termo kikongo, plural de problema, é comumente como gíria para referir-se qualquer coisa.*

O PEIXE GALINHA – A pesca extraordinária

Alguém teve a coragem de levá-lo para casa. Sabem como é a vida na Sanzala!... A notícia espalhou-se rapidamente, de tal forma que em pouco tempo, a casa estava abarrotada de gente, incluindo parentes. Mas notei uma certa divisão entre os mais velhos da família, enquanto contava. Uns olhavam-me com uma certa estranheza, como quem olha para um deus ou um guru, como quem pressente que é algo uma bênção. Outros giravam em círculos, preocupadíssimos. Não é que descobri que já tinha acontecido com alguns antepassados da família? E nunca tinha acontecido com pessoas de outras famílias da Sanzala – Contaram-me. O que seria então aquilo? Uma praga? Uma relação que nos sorteia para sermos os únicos pescadores do peixe galinha? Uma maldição no passado, cometida contra uma ou mais galinhas? Também eu estava meio preocupado.

Em casa, ninguém teve a coragem de comê-lo. Um tio-avô, que já tinha testemunhado a ocorrência no passado, decidiu levá-lo para sua casa e prometeu enviar-me outro molho para o jantar naquela noite. No dia seguinte, deu-se uma série de eventos estranhos; muitos conseguiram

O PEIXE GALINHA – A pesca extraordinária

capturar animais, desde os pequenos aos de grande porte, como se uma maldição estivesse sido quebrada, como o fim de um ciclo. Isso gerou estranhezas na Sanzala, sobretudo entre o *soba*¹⁸, *dembos*¹⁹ e seus *capangas*²⁰, que tinham a responsabilidade de convocar quimbandas²¹, fazer rezas e solucionar as situações difíceis da comunidade; afinal, acreditava-se que neles estava reunido o poder de controlar as forças espirituais da localidade – o que realmente fizeram, mas não houve resultados.

E a notícia ia-se espalhando, primeiro na nossa Sanzala e depois para outras sanzalas:

– Há uma tribo no *Kiwembu*²² que, de tempos em tempos, nasce alguém que pesca um peixe galinha. Nunca foi capturado por outras pessoas, só eles o pescam.

Isso provocava acalorados debates por onde quer que a história fosse contada, suscitando em muitos, tanto nativos como

¹⁸ Uma personalidade equiparada a um ancião responsável por um determinado povo ou aldeia.

¹⁹ Uma das autoridades tradicionais equivalentes aos senhoras da terra ou latifundiários

²⁰ *Servente*

²¹ *Expressão em Kimbundu: Kimbanda – de kubanda: desvendar., médio-adivinho, aquele que está no exercício dessa ofício.*

²² Aldeia sede da comuna do Zala, afecto ao Município de Nambuangongo

O PEIXE GALINHA – A pesca extraordinária

*kamukwizas*²³, interesses de várias ordens em relação à Sanzala e à família.

Outro dia, ao regressar para casa, encontramos um velho ancião acompanhado de um jovem. Disse ter vindo de longe – do *Mwanda*²⁴. A notícia tinha-lhe chegado aos ouvidos, o que lhe alegrara bastante e a derramar toneladas de lágrimas e pedir que lhe levassem ao *Kiwembu* para conhecer a tribo, por motivos que logo-logo ficarão a saber. Também era surpresa para nós. Conseguem imaginar o quão irresistíveis e chantagistas são as lágrimas de um homem e ainda mais um velho?

Depois da refeição, contou-nos quem era, como fora parar ao *Mwanda* e como começara a nossa Sanzala. Mas o que lhe entristecia era o estado actual da aldeia e as crendices que agora predominavam entre o povo.

– São essas crendices que fazem pensar que o negro só vive de superstição e misticismo, como se nunca raciocinássemos para nada! Disse.

²³ Forasteiro, aquele que não é nato.

²⁴ Expressão kikongo que traduz a ideia de espírito, é uma das localidades reais no Município de Nambuanguo – Bengo (Angola).

O PEIXE GALINHA – A pesca extraordinária

Wau! Chamou toda minha atenção para si, só com esse pronunciamento. Soube que já tivemos bons valores e crenças racionais por cá.

Lembram daquelas regras de higiene do *N'Gondo*²⁵, de cada família ter a sua latrina para evitar defecar na mata, salvo exceções, cavar um buraco e enterrar sempre que se faça, evitando contaminar as águas e provocar doenças? A de cada família varrer até uns bons metros nos quatro cantos a volta da sua residência e no fim do dia ter-se o bairro todo limpo? E aquelas do *Vila M'pimpa*²⁶, de quem oferece algo comestível ou bebível ser sempre o primeiro a provar e no mesmo utensílio? Ou a de poupar o mais pequeno dos animais presos em uma armadilha, caso ainda esteja vivo e sem risco de morrer, para a renovação, reprodução e continuidade da espécie? Ou ainda a de plantar algumas árvores sempre que se derrubam outras? Pois. Todas essas regras faziam da nossa Sanzala um lugar digno de se viver, uma terra pequena em extensão, mas grande em boas maneiras; era essa e deveria

²⁵ Terra de Ne Ngondo-a-Nkembo (*Gondo Feliz*), uma das aldeias do Zala

²⁶ Aldeia da mesma Comuna e vizinha do Gondo

O PEIXE GALINHA – A pesca extraordinária

continuar a ser a verdadeira essência do Kiwembu, o coração do Zala.

Sobre a nossa Sanzala, contou-nos que fora fundada pelo tretravô do nosso trisavô, algo misterioso – qual o chamamento de Abraão! Reza a história, que tal trisavô protestara contra as leis que estavam sendo implementadas em *Kindoki*²⁷ – sua terra de origem. Desejando gerar uma descendência diferente e pura, procurava por uma terra longínqua, mas favorável de habitar, cultivar e rica nos seus múltiplos aspetos. Até que um dia sonhou que alguém o levava, segurando-o pela mão direita e mostrava-lhe uma terra. Pela manhã acordou e a direcção que seguiram no sonho ficara-lhe bem gravada na sua mente. Foi seguindo até chegar ao ponto que hoje compreende a região do *Kiwembu* – porque seu nome era *Wembu*, daí ter baptizado a aldeia como *Kiwembu* para significar terra, casa ou lar do *Wembu*. Na verdade, a terra era mais do que havia sonhado e mais do que desejava. Foi assim que deixou a sua parentela e veio instalar-se aí e veio a ser a sua terra natal²⁸. Teve filhos

²⁷ Termo kikongo traduzido feitiço

²⁸ Pode ver a concepção do autor sobre o que é terra natal em [Terra Natal](#)

O PEIXE GALINHA – A pesca extraordinária

e filhas, estes espalharam-se até outros pontos.

Era interessante saber que pertencíamos à linhagem real e fundadora da Sanzala e ao mesmo frustrante pelo tratamento que agora recebíamos e pela posição que agora tínhamos. Estava claro que tudo aquilo não passava de denúncia de que alguma coisa não estava bem e que algo havia por se fazer.

O ancião era um velho parente, filho desaparecido da nossa bisavó. Fora sequestrado por uns comerciantes da região do *Mwanda* que vendiam e transformavam pessoas em escravos. Procurava pelos familiares há anos, a mais viva lembrança que tinha em mente era de ser descendente da tribo do *Kiwembu* que capturava o peixe galinha. Fora raptado na idade dos 15 anos. E aí estava ele, bebendo da água e comendo dos frutos da sua terra natal passados 80 anos. Como se diz: *os bons filhos, à casa sempre regressam!* Sua mãe morrera, nunca voltou a vê-lo vivo. Conta-se ter sido considerada a sua morte, 50 anos mais tarde, no dia do seu desaparecimento. Mas afinal, não tinha morrido, e a prova estava ali em

O PEIXE GALINHA – A pesca extraordinária

carne e osso, não era *zumbi*²⁹ havia pessoas que o reconheceram. Não havia rastros do seu desaparecimento. Passara longos anos da sua vida no *Mwanda*, onde conheceu-se como homem, enquanto servia como escravizado primeiro, de uns patriarcas negros e depois de um português dono das terras que hoje diz ter herdado. É dono de grandes fazendas no *Mwanda*, um homem de respeitável nome, mas é no *Kiwembu* que via o seu coração ligar-se mística e espiritualmente à terra, porque ali foram enterrados o seu umbigo e os restos de imundícies do seu corpo a quando do seu nascimento. Sempre foi e era ali que desejava passar o resto dos seus dias na terra. A terra natal, apesar das coisas de que se lamentava, o fascinava e de que maneira!...

O tetravô do nosso trisavô fora o primeiro a pescar o peixe galinha, e eu era o sétimo pescador desse peixe. Podiam passar anos a fio, anos e anos sem ninguém voltar a pescá-lo. Não é estranho?

Há quem pensasse que eu fosse a versão reencarnada daquele tetravô. Outros supersticiosos vinham fazer pedidos de

²⁹ *Zúmbi* – aparição de fantasma ou alma de pessoa falecida. O sinónimo deste vocabulo era mais usado no interior de Luanda, de *kuzumblka*: perseguir (a mandado de feiticeiro).

bênção a mim, mas chamando pelo nome do tal tretravô e diziam: – *Kola ye zinga, Ntinu Wembu*³⁰, Tetravô fundador das terras do *Kiwembu*, sou descendente seu, abençoe a mim, ao trabalho das minhas mãos e a minha descendência”, mas seriam estas parte das tradições ensinadas por tal nosso antepassado mesmo? Talvez fosse uma prática resultante da mistura com outros povos. É que muitas coisas que se atribuem às pessoas mortas, são na verdade desejos e manias de pessoas vivas, sabiam? Mas como morto não pode falar por si... Toda cultura local é talvez mais original possível no início do seu povo, mas deixa de sê-la à medida que vai mantendo contacto com outras de outras localidades. A cultura move-se na medida em que se movimentam as pessoas, porque são elas que a fazem acontecer. Como disse, eram apenas pensamentos. De resto, só conversa.

Sabem? Foi também aquele peixe galinha que tinha comido os primeiros dois grãos, antes de ficar preso ao anzol, isso soube pelo meu tio-avô. E embora fosse o único a reclamar da kizaka, todos em casa provaram do molho que ele me tinha enviado.

³⁰ *Goze de saúde e viva rei Wembu*

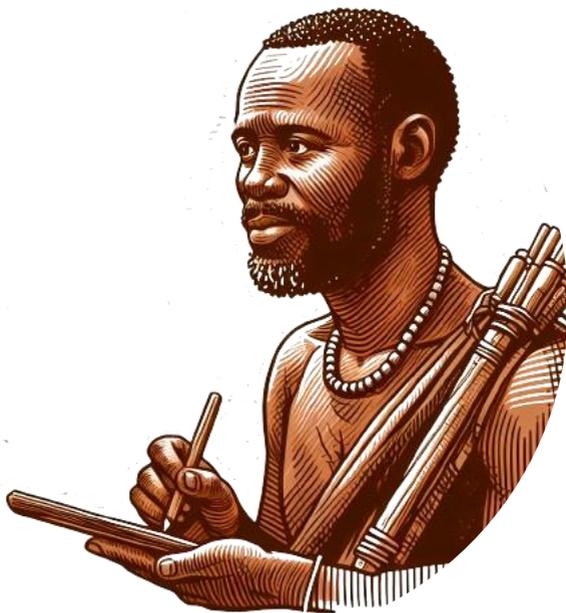
O PEIXE GALINHA – A pesca extraordinária

O estranho é que ninguém percebeu naquele momento que aquele molho que nos fez lamber os pratos era o do peixe galinha! Cheirava tão bem, qual galinha cozida com muamba de ginguba! E voltei a pescá-lo várias vezes durante os meus anos de vida.

Muito estranho mesmo! Serão as coisas nos rios e nos mares cópias das coisas que existem na terra, assim como as coisas da terra são cópias das coisas dos céus? Eu também não sei.

Por enquanto, não sei se existe mesmo no mundo um peixe com tal nome. Mas existe pelo menos na minha mente. E por favor, não estraguem o meu peixe galinha quando forem desenhá-lo.





UMBILICA

O bravo camponês

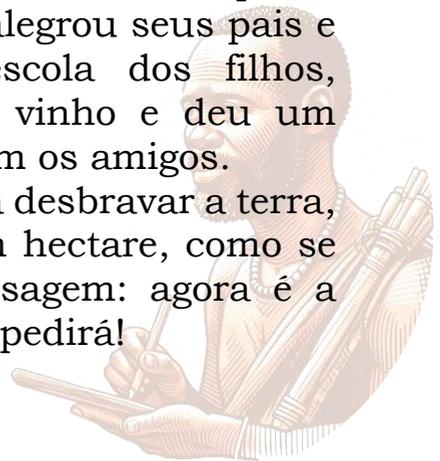
Umbilica – O bravo Camponês

Na época de queima, caçar é menos difícil do que em outras, e a caçada aumenta. Às vezes, caça-se em minutos ou horas o que, em outras épocas, levaria um ou mais dias.

A natureza fornece de graça o que os governos transformam em privilégios para poucos em nome de muitos. Enfim, a natureza ofereceu-lhe o dinheiro que o "crédito agrícola" vinha a lhe negar há anos, devido às cores da roupa que vestia.

Comprou muitas mudas de plantas de cacau, mas ainda lhe sobraram alguns *kwanzas*³¹. Atendeu ao pedido da sua avó: uma coberta, um lenço de cabeça, um uluhako³² e um pano de *samakaka*³³. Apoiou o negócio da sua mulher, alegrou seus pais e seus sogros, pagou a escola dos filhos, comprou um garrafão de vinho e deu um almoço para "se mimar" com os amigos.

Alugou um trator para desbravar a terra, estendeu uma lavra de um hectare, como se quisesse enviar uma mensagem: agora é a minha vez, ninguém me impedirá!



³¹ Nome da moeda oficial Angolana.

³² Termo em umbundu traduzido Sandália

³³ Pano típico da cultura angolana (zona sul).

Umbilica – O bravo Camponês

O trabalho corria muito bem, ninguém alguma vez fez uma lavra tão grande quanto Umbilica. Durante muito tempo, o nome Umbilica soava como o próprio fracasso, mas agora a situação parecia inverter-se. Umbilica era o nome do momento, sua fama corria de boca em boca — crianças, jovens e adultos, todos falavam sobre ele.

Usõnhi tornou-se o caminho preferido dos homens da terra. Passavam por lá, só para admirar aquele espetáculo de arbustos enfileirados, como se tivessem sido alinhados com uma régua. Todos cheios de flores a exalarem perfume à cacau. Na verdade, usõnhi, não era apenas o caminho preferido dos homens, mas também a pousada predilecta de variadas espécies de bichos da terra.

Imagine um lugar onde as abelhas esquecem de ferrar os homens, de tanto pólen à sua disposição; elas até arrotam e dormem!

Certo dia, há um mês da colheita, Umbilica e todos daquela terra foram pegos de surpresa: as folhas das plantações começaram a amarelar e murchar, como se uma bomba subterrânea tivesse atingido as raízes. O gozo de Umbilica transformou-se. Muitos dos moradores da região

Umbilica – O bravo Camponês

compartilharam do seu pesar. Umbilica caiu em profunda depressão. A cada dia que passava, a plantação secava mais, e as pessoas evitavam passar por lá.

Um dia, sua mulher estava a andar por aí e acabou passando por lá. Então, decidiu entrar na lavra. Ao chegar ao meio, lá encontrou uma surpresa: um círculo de grama verde, com diâmetro de três centímetros, três árvores alinhadas bem ao centro do círculo, cada uma delas carregada de frutos, e outras caídas a encherem o chão. O que deveria fazer? Voltar e contar ao marido? E ele que já não queria saber de lavras! O homem matava-se de bebedeira.

A mulher voltou e pediu aos filhos que a acompanhassem na lavra de Usõnhi. Mesmo tristes e sem entender por quê? Acompanharam-na, sem fazê-la perguntas. Quando chegaram ao meio, viram o círculo cuidadosamente desenhado, com as três árvores carregadas de cacau. Enfim, uma parte do enigma já estava esclarecido.

– Mas o quê isso significa? – Questionou um dos filhos.

– Vamos colher e vender... apenas vamos colher e vender. Não digam ainda nada ao vosso pai – disse a mãe. Houve entre os filhos

Umbilica – O bravo Camponês

quem, pensasse que talvez a mãe tivesse algo a ver com a seca da lavra. Mas uma mãe sabe interpretar as expressões anormais de seus filhos.

– Sei o que estão a pensar, mas é cedo para julgar. Vamos apenas colher e vender.

Pelo menos isso aliviou a tensão entre os filhos. Colheram e venderam. Foram às outras lavras da família e fizeram o mesmo. Com dinheiro, compraram também outros bens essenciais de consumo.

Depois de venderem a maior parte dos produtos, guardaram o restante num pequeno celeiro da casa de campo. Com o dinheiro, compraram outros bens essenciais. A outra parte foi usada para comprar novas mudas de plantas de cacau. Feito isso disse aos filhos:

- Agora vamos arrancar tudo o que precisa ser arrancado e plantar novamente nos mesmos lugares. Mas não vamos mexer na parte da frente do caminho, vamos começar a partir do meio, a onde a esperança não morreu, até chegar aos outros pontos da lavra. Vamos despertar o gigante.

Então, puseram mãos à obra e trabalharam juntos, porque, afinal, não era só

Umbilica – O bravo Camponês

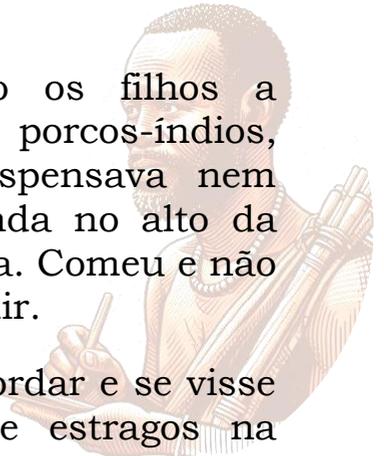
sobre Umbilica. O prejuízo era de todos, era sobre o futuro deles e o nome da família.

Usõnhi deixou de ser o caminho preferido das pessoas e o refúgio favorito dos bichos, o que ajudou a manter o trabalho em segredo da comunidade.

Um dia, Umbilica bebeu tanto, a ponto de não conseguir ficar em pé nem se reconhecer. Então, a mulher teve a ideia de levarem-no à lavra, onde tudo havia começado, bem lá no centro da lavra, onde construíram uma cabana de madeira, decorada de forma rústica, com cadeiras de bambu e outros móveis feitos de madeira e mateba.

A mãe tinha instruído os filhos a matarem dois coelhos e dois porcos-índios, carne que Umbilica não dispensava nem doente. Quando acordou, ainda no alto da ressaca, serviram-lhe a comida. Comeu e não demorou muito, voltou a dormir.

Com medo de que ao acordar e se visse algures na lavra e causasse estragos na plantação, a esposa, vigiava por perto o tempo todo, com truques e magias próprias de



Umbilica – O bravo Camponês

mulher. E os filhos também permaneciam não muito longe. No entanto, ele só acordou por volta das 6 horas do dia seguinte.

Quando Umbilica acordou, viu-se numa cabana estranha, mas pelo menos tinha a sua flor por perto e daquele jeito de recuperar o fôlego.

- Onde estamos? - perguntou ele.

- Esquece ainda o lugar Umbilica, não estou aqui contigo? O que é mais importante para você? Perguntou a esposa.

O homem ergueu a cabeça e suspirou...

- Ah, você e meus filhos, nem?

- Sério Umbilica? Sinceramente, eu já não acho isso. Hãhã, nego mesmo. Disse a mulher em suspiros.

- Ah Mowena! Não diga isso, você sabe bem que é minha flor e nossos filhos, minhas flexas, Mowena.

- Se diz que sou sua flor, por quê você já não sente mais o meu perfume? Desde que a plantação secou, mesmo estando perto, parece que nós também secamos em seu coração Umbilica. Mas você sabe que ainda o amo Umbilica. Que nada mais importa se tenho você e nossos meninos? - Não estou a pedir para deixar de sentir dor, porque você é humano, mas estou a lamentar porque parece

Umbilica – O bravo Camponês

que essa dor os apagou da sua mente Umbilica! Mas nunca esqueça que você tem uma família. Nós somos a sua família. Será que nós valemos mais do que todas as coisas materiais que você perdeu Umbilica?

Mowena deixou as lágrimas escorrerem-lhe dos olhos... Todas as vezes que vê alguém a verter lágrimas de dor, sendo ele o causador, o homem sente-se um verdadeiro fracassado. A mulher antiguiu-lhe o âmago, como quem tivesse espectado uma flexa ao seu coração.

– Ah, não diga isso Mowena! Jura, assim você me mata!... Eu sei... Essa toda luta de querer provar que não sou um fracassado e de querer dar a vocês algo melhor, levou-me longe demais e a cometer muitos erros. Fez-me valorizar as coisas materiais mais do que vocês. Mas não é bem assim, Mowena, não precisa acreditar em mim, mas eu só queria dar a vocês um pouco mais de orgulho e conforto, entende Mowena? Baixou a cabeça, limpou as lágrimas e o ranho.

Mowena aproximou-se dele, abraçou e beijou-o. Sentiu vibrações intensas de um amor sem igual. Seu abraço carregava tudo, o amor de Deus, o calor de uma mãe, amiga, irmã, enfim tudo.

Umbilica – O bravo Camponês

– Não precisa de se explicar Umbilica, só me abraça... disse a mulher. E ao fazê-lo isso, o lugar em que estavam aqueceu e escureceu... Tudo aconteceu ao mesmo tempo...

Do lado de fora, os filhos apreciavam o renascimento de Usõnhi. Os bichos já tinham redescoberto a sua pousada predileta, faltavam os homens, mas só depois de anunciá-lo.

Por volta das 11 horas, Mowena convidou Umbilica a sair.

Ao sair, ele percebeu imediatamente onde estavam, mas ficou pasmo. Pensou na conversa que acabaram de ter, olhou para seus filhos, sentiu o perfume das flores e não sabia se deveria chorar ou pular de alegria.

- Quanto tempo fiquei a dormir? E quanto tempo fiquei cego? - perguntou ele, com lágrimas e risos a mistura.

- Não fala ainda nada Umbilica. Só nos segue...

Acenou em concordância e seguiu, com os seus filhos a acompanharem lado-a-lado. Guiavam-no a observar a lavra toda com seus próprios olhos.

- Mas não estava tudo morto? - perguntou Umbilica.

Umbilica – O bravo Camponês

- Estava, pai, excepto aquelas três árvores lá no meio do círculo. Tudo morreu, menos aquelas árvores bem no meio do círculo, onde a esperança não morreu.

Os filhos entreolharam-se com a mãe e sorriram...

- E foi de lá que começamos a reerguer o gigante. O gigante não é Usõnhi, Umbilica, o gigante é você. No meio daquele círculo, saiu a quantidade que vendemos, juntamos com o dinheiro do bombó e dos outros produtos de outras lavras, e usamos para comprar novas mudas de cacau e começar a resgatar a plantação pouco a pouco, só com catanas e enxadas, eu e seus filhos. Não mexemos a parte de frente do caminho para não atrair atenção. Disse a mulher.

- E como você pode ver, pai, Usõnhi é novamente a pousada predileta dos bichos e logo-logo voltará a ser o caminho, mas agora também o lugar preferido dos homens da terra – Disse um outro filho.

- *Mataqueámos*³⁴ e alargamos a parte de trás para cobrir a parte de frente que não mexemos. Quando dormíamos na lavra, é

³⁴ *Expressão usados pelos camponeses (Ambriz, Zala e partes do Nambuangongo) para se referir ao acto de abrir um caminho em meio a mata e limpá-lo ou mesmo de fazer uma lavra e limpá-la.*

Umbilica – O bravo Camponês

aqui que vínhamos para fazer queimadas às madrugadas. Mas Usõnhi precisa de um líder, e não outro qualquer, somente o seu líder Umbilica. Disse Mowena.

Umbilica só chorava e agradecia:

- Hoje vocês me deram uma lição, Mowena. *Sozinho, sou forte, mas juntos somos mais fortes e imparáveis. Afinal, a união é mais forte do que a força. E que perder uma ou muitas vezes não significa perder para sempre.* Que nem sempre a qualidade da colheita está na quantidade de sementes; que nem sempre o muito lucra muito, e o pouco lucra pouco, pouco também pode lucrar muito; Muitas vezes, menos é mais. Se uma única semente pode gerar uma floresta, por que três árvores não fariam mais?

- E se você não tivesse voltado aqui, Mowena? Você também, mostrou ser uma grande líder. O novo Usõnhi é resultado do sangue e suor de cada Umbilica. Hoje minha maior alegria não é ter Usõnhi de volta, mas por vocês me mostrarem o significado de família, a melhor que sempre tive e que nunca me abandonou durante o tempo que não entendia isso. Vocês são a minha família e muito obrigado por sempre estarem aqui.

Umbilica – O bravo Camponês

E todos abraçaram-se... era o início de um novo tempo...





A PEDRA QUE
MATOU A
COBRA

A tacada perfeita

A PEDRA QUE MATOU A COBRA – A tacada perfeita

Vêm esta pedra?

Desde quando ela existe?

Quando o mundo ainda estava vazio e sem forma, ou depois de ter sido criado com forma? Existe desde a criação como uma pedra singular ou resulta de um processo evolutivo ou de extração? E se for o caso, de onde e de que rocha foi extraída e quantas coisas já foram feitas com esta pedra? Quantas histórias e estórias estão por detrás desta pedra? E a forma do mundo de hoje, será a mesma da sua criação?

Certo dia, estava a ir do Kiwembo ao Kimazangi. Perto deste último lugar, não sei como nem de onde, uma cobra grande e gigante surgiu no meio do meu caminho. Tinha o tamanho de uma jiboia, mas não era uma jiboia...

Começou a fazer aqueles movimentos típicos de uma cobra que está prestes a atacar, como se estivesse a tentar avisar-me do que faria comigo.

Dizem que os animais só atacam quando provocados ou quando se sentem ameaçados. Mas eu juro, não me lembro de como ou quando provoquei aquela cobra. Será que foi numa daquelas vezes em que atirei qualquer

A PEDRA QUE MATOU A COBRA – A tacada perfeita

coisa para a mata? E isso seria suficiente para a cobra reconhecer-me? Terá ela captado o meu cheiro e as minhas digitais? Será que existe uma cobra assim?!... Deus me ajude! Juro, se ela me dissesse que sim, eu pediria desculpas, mas ela não disse. Estava determinada e ansiosa por fazer algo comigo, algo que só ela sabia.

De onde tirei coragem, também não sei. Lembro-me apenas de ter olhado para o chão, e os meus dedos rapidamente encontraram uma pedra, exatamente esta que estão a ver...

Desde criança, apanhei e atirei pedras, nunca fui um exímio atirador, e não me lembro de ter acertado muitas vezes. Se acertasse 13 vezes, já era muita sorte, a não ser que a sorte batesse à porta e acertássemos em algo que nos traria azar, como quando quase matei a Mena, filha da Tia Luísa, uma ex-vizinha da minha mãe no B.U³⁵, que os fofoqueiros dizem ter morrido de SIDA. Esses fofoqueiros sabem muita coisa...

Acertei a Mena com uma pedra na nuca, o que a obrigou a rapar o cabelo para limpar o sangue que se acumulara lá...

³⁵ Bairro Uíge.

A PEDRA QUE MATOU A COBRA – A tacada perfeita

Quando atirei a pedra, ela correu com tanta velocidade que eu próprio acreditei que outra força a estava a lançar através da minha mão. Deve haver algo de misterioso nessa pedra.

A pedra bateu num dos dentes da cobra e entrou-lhe na boca. Como se tivesse engolido algo quente, a cobra começou a rolar, contorcer-se, enrolar-se involuntariamente, até que ficou como que amarrada em nó e tombou...

Ao ver a cobra derrotada, questionei-me: teria sido eu que matei a cobra? De onde veio tanta força? O susto de quase perder a vida e o medo de que a cobra se levantasse novamente fizeram-me correr pelo bairro aos gritos.

As pessoas, curiosas, foram ver a cobra onde a deixei, algumas queriam saber se era comestível.

Quando lá chegamos, notei que nem sequer tinha percebido que a cobra tinha duas cabeças e dois olhos em cada uma. Infelizmente, não havia relatos de alguém que tivesse comido uma cobra como aquela.

O povo arrastou a cobra para o bairro, dividiu-a ao meio, retirou a pedra e venerou-

A PEDRA QUE MATOU A COBRA – A tacada perfeita

a. Devolveram-me a pedra e o resto da cobra e disseram:

- Cada um fica com os seus mortos; enterra tu a tua cobra e guarda esta pedra, pois ela tem um grande valor e sempre o terá. A pedra é esta mesma, e a cobra, enterrei-a bem no fundo da minha mente, de onde surgiu.





MINHA 1^a

CAÇADA

Reconhecimento inesquecível

MINHA 1ª CAÇADA – Reconhecimento inesquecível

Ainda vive em mim o menino de pés descalços, de roupas amarrotadas e o corpo robusto, a caminhar por vários lugares do meu kimbo³⁶.

Só, não lembro mais a hora, o dia, o mês e o ano. Era semana qualquer, com o sol a espalhar luz e a exibir os seus raios.

Saí com os kotas³⁷, para uma pequena caça. Se um bicho grande cruzasse o nosso caminho e não conseguisse escapar, iria alegrar os nossos os bichos do estômago. Quando a lenha não acende, as cubatas ficam tristes, a conversa à mesa não flui e as lombrigas no estômago fazem óbito.

As armadilhas eram facas pequenas, físgas, varitas e Kukú. Kukú é uma pequena armadilha, apoiada sobre um tronco inseguro, com grãos, pedaço de bombó ou mandioca ao redor para atrair os ratos e os pássaros. Uma pancadinha no tronco basta, e o kukú cai sobre o pássaro, que, se não consegue escapar, vira história.

³⁶ Termo da gíria angolana que se refere a aldeias, mato, musseques ou sanzalas.

³⁷ Corruptela de abreviada, aportuguesada e pluralizada do Kimbundu: e Dikota para se referir a um superior de idade ou mais velhos.

MINHA 1ª CAÇADA – Reconhecimento inesquecível

No meu kukú, encontrei um rato ngoné era o meu primeiro como caçador. Imaginem a minha festa! Diferente das águas onde já conseguia capturar bons cacussos, bagres, rãs e outros comestíveis. Para andar com os grandes caçadores nas aldeias, os meninos começam pela pequena caçada, às vezes vão como ajudantes, mas devem evitar queixar-se de cansaço, fome e sono. Têm de bancar em fortes quando os picos lhes perfuram os pés e evitar deixar os animais escaparem. Se não eram reprovados e dava um bom motivo para constarem em hinos de zombaria.

Peguei no ngoné, pode parecer algo insignificante, mas senti-me um macho. É que caçar é uma das formas de conquistar o respeito das meninas nos kimbos. Se um menino consegue agarrar ratos e pássaros, amanhã, com sorte, saberá poupar a mulher, os filhos e os sogros de comerem sempre verduras. Além disso, a carne pode ser convertida em dinheiro para comprar outros bens e serviços. Não é à toa que ser caçador é algo de prestígio nos kimbos.

Quando peguei no rato, lembrei-me dos insultos da Tia Nzongo (de feliz memória). E disse a mim mesmo: "*Ó wunu yi wunu, e tá*

MINHA 1ª CAÇADA – Reconhecimento inesquecível

*nketo ka nvingila*³⁸. Que significa: hoje é hoje. A tia que me aguarde! Ela costumava dizer que no dia em que eu conseguisse capturar um pássaro ou um rato, o comeria cru e pelas narinas.

No regresso, quando colocamos o primeiro pé na aldeia, corri em direção à casa dela. Os meus irmãos puseram-se a rir, sabiam que eu estava a ir gabar-me dos créditos.

Ainda longe, gritei: "*E tá nketo, wa ndia, wa tsé, muna nzunu*³⁹!" Devolvi-lhe os insultos. A minha Tia Nzongo, não a da cidade, mas a do kimbo, olhou-me nos olhos, abanou a cabeça e começou a rir.

– Eu sabia que você iria conseguir - disse ela na língua que dominava.

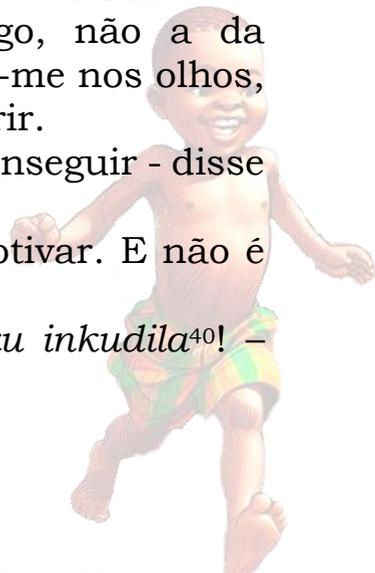
Era uma forma de me motivar. E não é que resultou!

– *Ka diambu ko, mu suku inkudila*⁴⁰! – disse ela novamente.

³⁸ Na língua kikongo

³⁹ Expressão em kikongo que significa: Ó tia, que o comas cru e nas narinas!

⁴⁰ Expressão em kikongo que significa: tá bem, vou comê-lo, mas no quarto.



MINHA 1ª CAÇADA – Reconhecimento inesquecível

Recebeu o rato e deu-me um abraço, que para mim significou o meu patenteamento.

Ela no seu jeito de Kota passou o rato ao fogo, tirou-lhe os pêlos, abriu-lhe ao meio, tirou o lixo de dentro e lavou-o. Depois, temperou-o com um pouco de jindungu do Kongo, alho e cebola, e acrescentou uma quantidade de óleo maná, um produto raro de encontrar naquela altura por aquelas bandas, o que demonstra as qualidades de uma mulher de peso nos kimbos.

Depois de passar no tempero, atravessou-lhe um pico e levou-lhe ao fogo de lenhas. A comida cozida a lenha ou carvão tem lá um sabor!... É fogo que não favorece câncer. A grelha nos kimbos, raramente é feita de metais, usam-se picos feitos de bambú ou de pequenos troncos, desde que não sejam de árvores venenosas. Até as escovas de dentes podem ser feitas com pequenos troncos ou de algumas raízes.

Comemos o rato, mas não contei a tia que tínhamos encontrado ele ainda vivo, sem muita força para fugir, nem só tentava lutar. Quem já caçou ou ainda caça ratos, sabe a época em que os ratos começam a ter

MINHA 1ª CAÇADA – Reconhecimento inesquecível

parasitas que lhes reduzem o vigor. O ngoné que encontrei na minha armadilha tinha um.

Se tivesse dito, a tia diria que só o consegui por ser doente, adiando assim o meu patenteamento!





APHRAKA

A Preta Bala

APHRAKA – A Preta Bala

Arrancou-me cedinho do aconchego dos lençóis, enquanto eu puxava os lençóis tentando resistir. Basta que o primeiro pé pise o pavimento fresco do chão, o frio sobe-me à alma e morre-se-me o sono... Ela morre de contente quando consegue derrotar-me. Levou-me a passear nas vielas sombrias da mente. Numa dessas ruas, sentamos numa pousada, apontou para uma dama preta vestida de panos pretos. O branco simboliza para alguns a paz e o preto o mal e o luto, mas o preto é lá, ter o seu mundo usurpado por ninguém, nada sai, nada entra, sem prévia autorização ou anuência do dono. O preto deve ser também o símbolo de toda profundidade de riqueza e sabedoria oculta e o branco símbolo da sabedoria limitada.

- 500 Anos, enterrada, mas viva!... Vês aquela preta de vestes pretas a passar? Apontava com o dedo para ela.

- Ela Ficou 500 anos enterrada, mas ainda está viva, ninguém, nem mesmo ela sabe como sobreviveu... dormia e acordava, mas não fazia o resto das coisas que fazem os outros humanos. Não comia, não bebia, nem só mijar e defecar podia; aliás, como ela fazia tudo isso,

APHRAKA – A Preta Bala

estando deitada naquele já apertado caixão? Interrompeu a fala por instantes.

-Além do mais, era muito vaidosa, cuidadosa de si e tanto, para suportar tanto cheiro!... Suportaria o fedor de outra pessoa uma dama assim, que não consegue suportar o seu próprio fedor? Como estava a dizer, não comia, não bebia, nem trocava de roupas, mas o seu corpo não envelheceu, como podes ver! A roupa manteve-se intacta e limpinha.

Foi enterrada com uma calça preta social, uma blusa preta fina, um casaco vermelho a combinar com o batom vermelho nos seus lábios que também, durante esses 500 longos anos, não se desvaneceu, e saltos altos pretos nos pés, como ela mesma gostava. Calça justa a realçar o desenho e a curvatura perfeita do seu corpo. Uma dama assim, Mwayenda Nyoka chama-a "*The Big Badda Bum*". Outro dia, vimo-la descalça perto do mar, como uma águia prestes a voar, e ouvimo-la a falar com alguém que não víamos:

- Senhor... Senhor... sim meu Senhor! Eu não morri quando tinha tudo para morrer... Não morro agora. Não, eu, não quero morrer agora... Hoje, não quero, nem só imaginar de morrer. Eu sou a resistência dos 500 anos e hoje sou mais ainda... sou essa resistência que os mistérios da vida

APHRAKA – A Preta Bala

miraculosamente sustentaram, odiada de todos, mas eleita da vida. Por quê? Também não sei. Sobre o preto da minha pele, vestirei hoje e sempre, vestes pretas como bandeira, símbolo da vitória e derrota contra o mal, da sabedoria infinita e ilimitada que eu mesma desconheço, embora fosse que me sustentou! Eu morrerei, mas só no dia que os mesmos mistérios que cuidaram de mim quando tinha tudo para morrer, mas deixaram-me viver, disserem que chegou o dia e a minha hora!

Ché! Olhei-a... Se ela fica-te aqui em pé!... Andar rítmico e balançado a ensinar e a dar capotes⁴¹ às meninas dos tempos da vaidade, essas tontas tantas sem sonhos e razão alguma pela qual pode-se até morrer entre as minúsculas ajuizadas de contar aos dedos... -Admirei! Diz-se que quem “ainda não encontrou uma razão pela qual pode morrer, desconhece a razão pela qual vive” Não? Enquanto isso, a minha anfitriã prosseguiu:

– Ela é meiga, mas de carácter firme. Pense numa combinação perfeita dos quatro temperamentos!... Parece que ela era tudo isso em uma só... serão todos esses anos de

⁴¹ *Golos, lições*

APHRAKA – A Preta Bala

prisão que a fizeram ser assim? É uma pessoa admirável e ao mesmo tempo temível.

É... A minha imaginação gosta de desvendar e confiar-me cada segredo?!... Quem não gostaria de conhecer uma mulher que ficou 500 longos anos enterrada, mas viva e mesmo assim, linda de corpo presente? Queria fazer-lhe muitas perguntas como: Se ela sonhava? O que via? Se acredita em tudo isso ser um milagre ou considerava-se ela mesma uma deusa? E como pode uma pessoa tão antiga estar mais nova?

Aphraka. O seu nome é *Aphraka*. Conta-se, que foi desenterrada, quando um grupo de arqueólogos cavava a área onde ela estava enterrada, ela ouviu-os, começou a gritar e a bater fortemente no caixão. O seu grito ecoou como que de uma multidão e os seus batimentos como que de um tremor de terra. Alguns dos arqueólogos desmaiaram, outros fugiram aterrorizados e nunca mais voltaram, nem para o local, nem para a profissão. No entanto, dois deles, cujo paradeiro nunca se soube até hoje, ficaram presos às pás e enxadas, sem mexerem, enquanto os corações ardiavam-lhes a pedir para que não parassem e continuassem a cavar...

APHRAKA – A Preta Bala

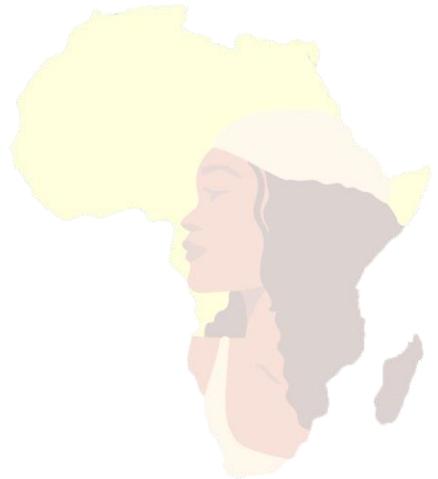
Cavaram, cavaram e cavaram... Até bater numa caixa de madeira, mas intacta, como se tivesse sido enterrada a poucos dias. O que mais encontrariam naquela caixa além da pessoa que gritava e batia? Ouro, prata ou que outro tesouro? Pensava...

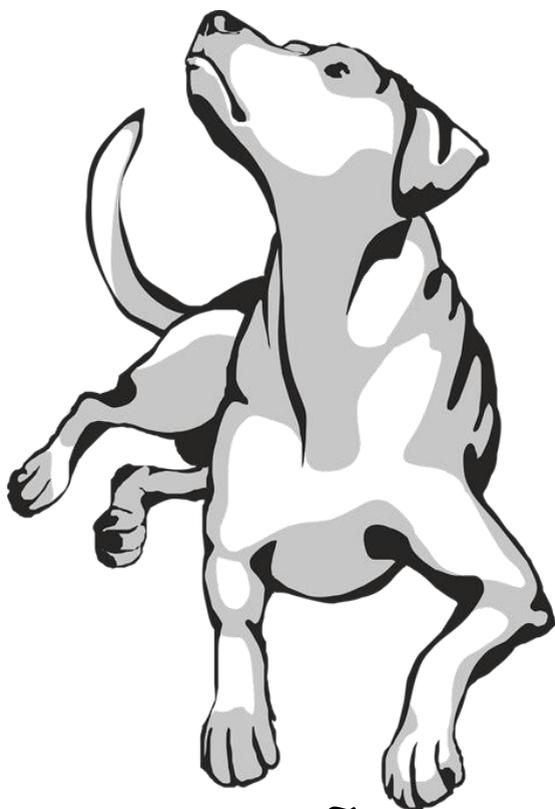
Ao abrirem a caixa, viram dentro uma mulher enterrada nas profundezas do subsolo, dos tempos e de civilizações, a emergir com físico completamente imaculado, roupas limpas, vestindo calças social preta, blusa preta fina, um casaco vermelho a combinar com o batom vermelho nos lábios, que mesmo depois de 500 longos anos, permaneciam intacto,s e saltos altos pretos nos pés. Sim, foi uma toda uma civilização enterrada. Ela era a expressão resumida da sua civilização.

A terra em que vivemos existe há anos, esconde sim experiências acumuladas de eras e eras – das quais (experiências), poucas sobreviventes e muitas destruídas. Existem de baixo da terra, civilizações e um misto de coisas tantas, enterradas. Contou-me a imaginação.

APHRAKA – A Preta Bala

Depois, fez o sinal para regressarmos... embora eu estava no instante sem vontade de voltar. Queria ouvir mais de tudo que estava conta e a especialmente daquela mulher...





O KÃO
ADORADOR

O milagre inesperado

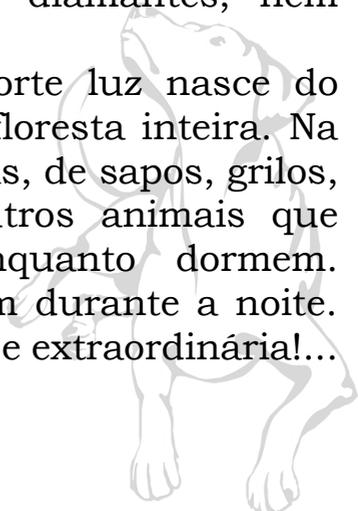
KÃO ADORADOR – O milagre inesperado

Há muito tempo atrás, viajei para uma terra estranha, de gente muito amável.

Pense numa pequena ilha, situada bem no meio da foz de quatro rios. As águas esparsas dos rios, tocam-se pelas laterais. Da beira ao topo, a vegetação é densa, impedindo o sol de ser visto. Terra pequenina, mas arável.

No coração das pequenas montanhas, reside um povo cujo caminho serpenteia sob o ramado folhado e floreado das árvores. Eles tiram a água de beber num lago em cujo interior, não se vê terra, senão pedras de diversas cores. Pedras pretas, marrons, roxas, verdes, azuis, rubras, amarelas e pedras de tantas outras cores, umas mais brilhantes e cristalinas, mas não são diamantes, nem serafins ou jasmims.

Ao anoitecer, uma forte luz nasce do meio do lago e ilumina a floresta inteira. Na lagoa, ouvem-se sons de rãs, de sapos, grilos, das aves e de tantos outros animais que cantam e encantam enquanto dormem. Muitos bichos não dormem durante a noite. Que mistério! Beleza única e extraordinária!...



Sexta-feira, a partir das 4 horas da tarde e meia, é dia de *ekongelo y´okupapala*⁴², povo se reúne, para cantar e dançar no ritmo folclórico dos ngomas, dos tambores, das palmas de mão e das flautas feitas de folhas de papaia. Uns sentados, outros de pé, mas todos à volta da fogueira.

Normalmente, o encontro é iniciado pelos mais jovens quando retornam do campo, da caça, pesca e de outras actividades. Eles cantam e dançam, não podem parar até que todos os mais velhos cheguem, a menos que esteja a chover ou nevar haja densa névoa. Os velhos com as suas mulheres, sobretudo aqueles bem extrovertidos e que sabem bem entalar um compasso, também se juntam a dança quando chegam. Depois começam a espalhar-se para a refeição noturna. Noutros dias, acontecem outros encontros: o *ulonga*⁴³, o *elongiso* ou *okulonga*⁴⁴, o *ekuta* ou *ondjuluka*⁴⁵, e quando necessário convoca-se

⁴² Do Umbundu: *ekongelo* = reunião, *okupapala*: ode desembocar-se à sua forma festiva e lúdica, *okupapala* (festa, dança, canto)

⁴³ Do Umbundu: relato da história de vida.

⁴⁴ Ensino-aprendizagem, correcção ou admoestação em Umbundu

⁴⁵ Também conhecido como *undjolela*: é a partilha de bens, a solidadriedade, hospitalidade, familiaridade cultural na língua Umbundu.

o *ekanga* ou *okusomba*⁴⁶, mas nestes encontros, valoriza-se muito à partilha de experiências acumuladas por um ou mais membros da comunidade ou até de outras comunidades sobre os diferentes aspectos da vida, e recorrem as advinhas, as lendas, as invocações, aos juramentos e aos contos. Nos casos de mediar ou julgar conflitos, os participantes utilizam provérbios para acusar ou para defender algo ou alguém. O lado que melhor os conhecer e saber relacioná-los ao caso em julgamento é considerado sábio aos olhos da comunidade e pode com facilidade ganhar a causa.

Conta-se que depois de terminado um encontro, o Soma⁴⁷ e os seus auxiliares são sempre os últimos a retirarem-se e a fecharem as portas. Vivem todos no mesmo terreno e as portas das suas casas entreolham-se. Antes de entrar o soba e os auxiliares sinalizam-se e fecham as portas. Tudo isso, matava-me de curiosidades! Eu queria saber o que mais o soma e os auxiliares ficavam a fazer? O que

⁴⁶ Também chamado *okusombisa*: expressa a justiça familiar, sociopolítica e cultural na língua

⁴⁷ Osoma ou soma em Umbundu, conhecido como soba noutros lugares.

KÃO ADORADOR – O milagre inesperado

aconteceriam se fossem os primeiros a sair e se deixassem de cumprir todo aquele ritual?

Não sei se digo feliz ou infelizmente, mas não cheguei a saber. Dizem que a “curiosidade matou o gato”, e que “há coisas que é melhor não saber” ...

Gostei de visitar esse lugar, não apenas pelas pessoas que conheci, pela comida e bebida que pela primeira vez experimentei durante a minha estadia lá. Há algo mais que ainda não contei e que me deixou ainda bastante perplexo. Conheci nessa terra Kão nessa terra, cujo nome não era "BOBI," "MAX," "BLACK," "SABIA" ou "NÃO SABIA" – você pode chamá-lo como preferir. Esse kão agitou a minha curiosidade.

Todas as manhãs, ao acordar, o kão fazia a mesma coisa: balançava a cauda, olhava para cima e depois ladrava: – auuuuuuuu...

Ele repetia o processo várias vezes. Parecia um kão louco e possuído por algum espírito maligno.

Na sétima vez, ele parava e continuava com sua rotina diária como qualquer outro kão. Era sempre assim, excepto por um dia que não era necessariamente o mesmo da semana; poderia ser segunda, terça ou qualquer outro dia. Nesse dia, depois de fazer

o seu habitual gesto, não fazia mais nada, se não ir ao jardimzinho ali perto e lá ficava todo o dia. As vezes ladrava, contudo, sem correr atrás de ninguém ou de algo, como os cães geralmente fazem.

Esse estranho comportamento do kão agitava mais e mais a minha curiosidade. Não é verdade que você também quer saber caro leitor? Pois sim, eu já previa que esta e muitas outras perguntas me seriam feitas. Na verdade, essa também já foi a minha dúvida algum tempo. Se quiser saber mais, você sabe o que fazer.

Eu sempre achei que os animais, mesmo que os tratamos como irracionais entre outros nomes feios e estranhos desenvolvem a razão e a comunicação de maneira muito diferente da nossa. Tem vezes que eu imagino os cães e todos outros bichos a conversarem nas suas línguas e a rirem-se dos humanos e falarem coisas duras como falamos deles e tratando-nos como irracionais. Mas não esperava que um dia, um cão me falasse na voz e numa língua dos humanos.

A resposta veio diretamente da boca do kão. Sim, você ouviu certo, eu obtive a resposta dele através da boca dele, fazendo-lhe a pergunta diretamente. Não havia nada

escrito em seu corpo ou em outro lugar. Os aldeões também não sabiam a resposta, eles nunca demonstraram interesse em descobri-la. Apenas diziam que devia ser algum distúrbio ou um espírito misterioso. No entanto, eles não tinham certeza do que era, mas você pode saber através de mim:

Numa manhã de terça-feira, o cão estava apareceu novamente, balançando a cauda, olhando para cima e latindo repetidamente. Quando estava prestes a sair, criei a coragem de perguntá-lo: "Kão, ó kãozinho misterioso e encantador, por que vem aqui latir assim todas as manhãs?" Virou para mim, fixou-me nos olhos, mas não disse nada.

Eu também fixei-o nos olhos e disse-lhe: "Por favor, se você me contar, eu o deixarei em paz e não o incomodarei mais". Finalmente o Kão encarou-me e disse:

- Sim!

Fiquei assustado, tentei fugir, mas naquele momento, minhas pernas pareciam presas como que ferro à um ímã. Estava a tremer de frio, calor e, principalmente, de curiosidade. Acreditem, em minha mente, corri atrapalhadamente longe, apesar de o meu corpo não ter se movido. Só o suor podia confirmar a corrida.

O Kão falou novamente: – Por que você está a tremer agora? Não foi você quem fez a pergunta? Não se preocupe, eu não vou machucá-lo.

Fiz esforço de voltar a encará-lo. E percebi que de facto o kão estava a falar comigo. Não sei de onde veio a coragem que não tive antes, começamos a conversar normalmente: "pode falar agora que eu escuto"

– É mal agradecer àquele que nos criou, protege e nos cuida? Perguntou-me o kão

Confesso que eu fiquei confuso e perguntei: Como assim? – perguntei-lhe.

– Oh, pensei que você soubesse... afinal, entre nós dois, você é o racional, não é?

– Já deve saber o que queria, rematou.

Olhei-o outra vez, mas com o rosto pesado de vergonha, agradeci e tive que sair, mas ainda com outras inquietações.

Veio a noite e veio o sol... veio outra noite e veio mais um sol, e já era sexta-feira. Saí com expectativa de assistir a mais um ritual do Kão, e lá estava ele, outra vez a abanar a cauda, como sempre: a olhar para cima para baixo, mas não saiu rápido. Hoje é um daqueles dias que vaai sentar-se no jardim.

KÃO ADORADOR – O milagre inesperado

Bom dia Kão, Kãozinho misterioso e encantador!

Procurei reduzir a distância entre nós, puxei mais perto dele.

Ah, não! Você de novo? Reclamou o Kão.

Ao aproximar-se, saudei-lhe: Bom dia, Kão, Kãozinho misterioso e encantador! Nunca conheci outros cães que amam de visitar um jardim como você. Por que você faz isso?

- Ó ser humano! Você pode ficar quieto, sem atrapalhar o meu dia e o meu silêncio?

- *Hahã!* Acho que alguém está a precisar de uma companhia chata? Fiz-lhe uma pequena chantagem. E ele que queria ficar só? Rendeu-se e disse:

- Em seis dias, o Senhor criou o céu, a terra e tudo o que neles existe, e consagrou o sétimo dia como **shabbath**⁴⁸ ou o dia do descanso.

- Ahã, entendi. Mas hoje é sexta-feira e não sábado! Respondi eu.

⁴⁸ Pronúncia na língua hebraica, significa “cessar”, ou “desistir”, e da palavra grega *sabbaton*, cujo plural, *sabbata*, é o dia do descanso porque permite ao homem a oportunidade de colocar de lado as outras obrigações da vida, para concentrar-se nas suas necessidades espirituais.

KÃO ADORADOR – O milagre inesperado

- Qual é o dia que você não gosta de ser amado e lembrado pelas pessoas que ama e dizem que lhe amam? Existe um dia que você rejeitaria um presente? Perguntou o Kão.

Não respondi, ouvia e considerava por dentro cada coisa. E ele continuou:

– O tempo cronológico é uma ilusão para facilitar o homem a lidar com o tempo como realidade espiritual! O tempo como realidade espiritual não tem passado, presente, futuro, minutos, horas e outras divisões como vocês o calculam. O tempo apenas existe e os seres passam sobre ele. Por isso facilmente vocês sofrem de ansiedade e impaciência, porque muito tempo para vocês, pode ser pouco na verdadeira essência do tempo.

Que explicação! Sabem quando a pessoa entende a explicação e ao mesmo tempo não entende? É assim que me senti.

Quando terminou de falar, houve um relâmpago para o céu, e vim uma nuvem descer sobre o jardim e do céu pingaram leves gotas de água. É estranho que esse chuvisco caía todas as vezes que o Kão passava o dia no jardim!

Enquanto ele falava, as dúvidas dentro de mim iam se esclarecendo. Quando as coisas parecem explicar-se por si, todo

KÃO ADORADOR – O milagre inesperado

homem ri sozinho como se fosse louco, ri-se da sua própria ignorância e curva-se diante da profundidade e imensidão da sabedoria dos códigos secretos da vida. Viver é respeitar e saber decifrar códigos. Toda vez que desrespeitamos um código e não conseguimos decifrá-lo cometemos erros e a vida se complica. Mas quando os deciframos o coração aquece, os pensamentos e os joelhos se curvam, a boca enche-se e se abre com cânticos de júbilo e hinos de adoração, sem esforçá-los. Sabe quando ouvimos a repreensão da voz da nossa consciência? Eu Ouvi bem:

– *Jó 5:17: “Bem-aventurado é o homem a quem o Senhor corrige”, vocês adoram a quem não conhecem, nem entendem (João 4: 22b) onde fica o culto racional (Romanos 12: 1)?*

– Huhum, Isso mesmo. Acenava o Kão e concordância...

Não acredito! Ele estava a ouvir as mesmas coisas que eu.

- Você não ouviu o que foi dito? Disse o Kão:

– *"Chegará o tempo (e já chegou) em que não serei mais adorado em templos feitos por mãos humanas, nem em Jerusalém ou Samaria, mas os verdadeiros adoradores me*

KÃO ADORADOR – O milagre inesperado

adorarão em espírito e em verdade" citando João 4:20-24 e ainda Colossenses 2:16: *"Que ninguém julgue o outro pelo que come ou bebe, ou em relação aos dias santos, a festa da lua nova ou o sábado. Tudo isso é apenas uma sombra do que está por vir, mas a realidade é Cristo"*.

O Kão citava muitos trechos da Bíblia de cor.

- O homem é corpo, alma e espírito, possui necessidades só do corpo, outras da alma e outras do espírito. E cada uma dessas áreas tem de ser bem atendida e cuidada. Quando recebemos uma recomendação de Deus, geralmente pensamos logo no peso da exigência e no castigo, poucas vezes pensamos em como nos beneficia. Daqui resultam as violações e as diversas interpretações.

O que você quer dizer com isso? Perguntei.

- Quantas vezes os humanos esquecem ou deixam de comer, banhar, descansar, cuidar de si, da sua família e de outras necessidades da vida para realizar um trabalho? Se o homem pode esquecer de si e da família por causa do trabalho, que dizer de

KÃO ADORADOR – O milagre inesperado

Deus que lhe dá força, saúde, tempo e trabalho?

Que Kão duro!

– Mais do que uma obediência e agradecimento a Deus, o que entendo sobre o sábado é que não é bom que o homem trabalhe de o tempo todo. Era mesmo só o Kão ou um espírito a falar nele?

– Onde e quando é que vai buscar essas coisas, você que é um simples um Kão? Perguntei. Ele tão simples Kão, abanou a cabeça e riu.

– Problema dos humanos: rápidos em tirar conclusões, armados que sabem tudo, muitas vezes lentos em aprender. E riu outra vez.

– Se Deus que é humano e não se cansa tirou um tempo para apreciar e celebrar o seu trabalho, quanto mais nós, que nos cansamos? É como está mesmo escrito: há tempo para tudo (Eclesiastes 3: 1-3). Parece exagero, mas existem pessoas que trabalham demais e não tiram nem só um tempinho para beneficiar do trabalho das suas mãos. Precisamos ser gratos a vida, ao Deus da vida por todas as conquistas que nos permite e pelas pessoas valiosas de quem nos acercou. As vezes é necessário tirar um tempo para

apreciar e celebrar cada uma dessas conquistas, refletir sobre quem e o que nascemos para ser e fazer? Quem e o que estamos a ser e fazer e como? Falava e dava pausas para me permitir processar e digerir o que dizia.

Como é que um Kão pode ser tão sábio assim?!... Há coisas que bastava só eu pensar ele logo respondia. Como se tivesse a ler-me a mente.

– Como se sentiria se tivesse um filho, um pai ou uma mãe, amigo ou outro familiar que não dá pela sua existência? Perguntou-me e fez outra pausa. Depois de ver como ele abordava cada assunto, eu decidi falar menos e ouvi-lo mais. Definitivamente, não era um Kão qualquer...

– Quando se é para reconhecer, amar, cuidar e cuidar-se os dias, pouco importam, mas as intensões sim. E não importa, quantas vezes, como e onde fizemos, se não for de coração, tudo perde valor. E na verdade, nunca foi sobre lugares, dias e horas, sempre foi sobre a essência e a verdade.

A Ele seja dada a glória, a honra, o poder, o domínio e a majestade pelos séculos dos séculos. Amém.



CASA MORTUÁRIA

Emprego em Tempo de Crise

CASA MORTUÁRIA – Emprego em Tempo de Crise

“Ché! Madié, cumu é? Ovê, você tem muita coragem yah brada! A Bia disse-me que agora estás a bumar na morgue”.

Fez o que sabe fazer de melhor. Provocou o Muaxi. Benjamim é um daqueles gajos que faz tirar a camisa para lutar a quem não sabe brincar. Como ele mesmo costuma dizer:

– Mozirmãos, eu mbora sou tipo porco, lutar comigo é só se borrar na lama, te estigaram, também estiga, aqui ninguém tem força pra lutar, se é big de mais, tem mbora bwé⁴⁹ de salu⁵⁰ por aí...

– Saudação não custa caro, Bom dia, primeiro pai dos abusos! Qualé a maka, bro? Não é salu, esqueceu que aqui na nguimbi⁵¹ emprego tá rijo? Quem te pagou já lá duas, essa hora?

Quem mais senão o velho Muaxi para lhe pôr consciente? Muaxi conhece bem o jovem Benja e sabe bem dominá-lo como Zé Kalanga fazia com a bola! Mas, rabugento que é, a boca de Benja não se apaga facilmente, nem mesmo com uma banheira de água-fria. Como ele gosta de gabar:

⁴⁹ Termo da gíria angola que se refere a muito.

⁵⁰ Gíria: o mesmo que trabalho, emprego.

⁵¹ Gíria: o mesmo que banda, zona

CASA MORTUÁRIA – Emprego em Tempo de Crise

– Brincam! No dia que me verem calado, os mozinimigos podem fazer festa. Benja não é só estigador, é também gabarola. E tem a mania do Naná⁵², gosta de atirar dicas aos outros só para espantar a casa.

Mas há dias que ele também fica em silêncio. Todo homem, por mais louco que seja, existe algo que lhe faz ficar sério, mesmo que seja por alguns minutos. E com ele não é diferente. Quando fica em silêncio preocupa. Não sei se é o caso de Benja, mas há pessoas que estão sempre a falar, a brincar e a sorrir só para evitarem pensar e esconder a dor que carregam. Cada pessoa lida com os problemas da vida à sua maneira; alguns choram, outros riem, outros ficam sérios como que se tivessem sido ferrados por um insecto qualquer.

– Oyé, numsqiva, nu tamu a falar de pagar duas. Mormão, essa tua coragem!... Pogo, eu prefiro ser roboteiro⁵³ do que bumar na morgue. Depois, esses salus, a pessoa tem que fumar ou beber bwé pra ganhar coragem. Insiste Benjamim.

⁵² Nagrelha dos Lamba (Gelson Caio Mendes), uma figura expoente do kuduro.

⁵³ Vulgarmente chamados os assaltantes de motorizadas.

CASA MORTUÁRIA – Emprego em Tempo de Crise

– Hum, nada disso pá, isso tem a ver com preferências pessoais e não é preciso ir a todas as morgues e cemitérios só para confirmar isso. As pessoas têm a mania de generalizar tudo e acham que devem dar respostas até para o que não sabem, só para não parecerem ignorantes. Isso é agir como jacaré que foge da chuva no rio. Às vezes ficar calado é melhor que falar, passa a impressão de ser intelectual. Aliás, você bem sabe que eu já fumava e bebia antes de começar a trabalhar lá, mas conheço também outros colegas que não fumam nem bebem.

Lá estava o velho Muaxi a colocar os pontos nos “i” e os traços nos “t”.

– Hum, aqueles são memu normale?

– Fogo, mas eu conheço lá íntimo deles? (risos). De facto, comentários como esses nunca faltam. Nós que trabalhamos nas morgues sofremos cada tipo de discriminação!... Enfim, acusações de feitiçaria e outros quinhentos... seria bom que na hora das contribuições lembrassem que o nosso dinheiro é sujo. – disse Muaxi.

Benja não perde um rápido bate-boca, mesmo que fosse segundas-feira que é logo o

CASA MORTUÁRIA – Emprego em Tempo de Crise

primeiro dia laboral da semana. Sobre segunda-feira, Benja gosta de dizer:

– Essas vossas manias de achar que um dia é mais importante que outros, tem que acabar, pah.

Por isso é que algumas pessoas lhe acham ser preguiçoso. E ele que gosta mesmo de ser confundido, quer lá saber!...

Ainda bem que não era segunda-feira. Eram 9 horas de uma terça-feira. Muaxi tinha trabalhado o final de semana todo. Era justo estar de folga. Todo empregado e até mesmo alguns empregadores sofrem da “síndrome ou do trauma de segunda-feira”. Nunca reparou na alegria dos trabalhadores quando um feriado calha na segunda-feira? Não sei vocês... faz sentido ficar de folga na segunda-feira, dia em que todos os amigos estão a trabalhar e os filhos vão à escola? Até o corpo cansa-se de descansar! Mas a segunda-feira que irrita é também a mesma que kuia, porque geralmente as pessoas voltam menos tensas e com notícias frescas: farras, traições, vitórias, derrotas e outros mambus.

– Epah, mormão, vai me desculpar, num é prumale, mas também num esperam que

CASA MORTUÁRIA – Emprego em Tempo de Crise

com um trabalho desses as pessoas vos olhem na boa nem? – Disse Benja.

– Bem, em parte você está certo. Normalmente, a morte e tudo o que lhe diz respeito, sempre levanta fortes debates, com muitos mistérios e misticismos envoltos. Mas, enfim, a Bia te contou a verdade. Estou mesmo a trabalhar numa morgue, e sobre esse trabalho há muito que se diga. Fez uma pequena pausa e continuou:

– Mas é como tudo na vida, broh, todos os trabalhos têm desafios, alguns mais outros menos, mas todos têm. E o nosso, então!... Esse país de tirar vaidade coça!... Não são só os revús⁵⁴, até mesmo alguns bajús⁵⁵ estão a ver lulas e gambas, muitos deles estão desempregados. É como dizem: alguns pegam feitiço para serem ricos, outros pegam de perder o juízo. É tanta bajulação prá nada!... Agora junte tudo isso ao nosso imaginário social sobre a morte? Disse o velho Muaxi.

– Ché wy! Tás a falar tipo um gajo duro: fortes debates, lulas e gambas! Imaginário social mais é o quê? Perguntou Benja. Mesmo

⁵⁴ *Vozes contestárias, aqueles que protestam ou revolucionários: v*

⁵⁵ *Bajuladores.*

CASA MORTUÁRIA – Emprego em Tempo de Crise

em tom de gozo, ele tem as características de uma pessoa muito atenta sempre que conversa com alguém, não perde oportunidade de aprender, não sente vergonha de admitir que não sabe, nem se sente diminuído por perguntar algo que não sabe.

– Ahã, imaginário social tem a ver com a maneira como as pessoas em uma determinada comunidade veem e lidam com um determinado assunto, mesmo que essa visão não corresponda à verdade. Mesmo entre nós, funcionários das morgues, cada um tem sua própria maneira de pensar e lidar com os acontecimentos dentro e fora do local de trabalho. Por exemplo, alguns colegas acreditam que os mortos têm vontades próprias, que alguns não aceitam ser misturados e que podem vingar-se, se forem maltratados ao arrumá-los. Além disso, o tema da morte e tudo o que lhe diz respeito está profundamente ligado à espiritualidade, o que só o torna mais delicado ainda. Mas nem isso impede que se criem algumas mentiras e exageros sobre o assunto. Dizem que uma mentira repetida várias vezes pode parecer verdade – Explicou Muaxi.

CASA MORTUÁRIA – Emprego em Tempo de Crise

– Você já imaginou como seria uma cidade com todos os seus problemas, sem serviços relacionados à morte e com pessoas a morrer a cada segundo? – Muaxi gosta de conversar com Benja e fazer sua mente trabalhar. Não precisa me responder, nem toda pergunta merece uma resposta directa, algumas perguntas, respondem-se outras perguntas, bem à maneira Mantorriana⁵⁶.

– Tá bom posso entender isso, mas me responde só, assim vocês também pedem memu ao ngana Nzambi para abençoar o vosso salu? No mínimo isso num é pedir mais mortos? Ou vais me dizer também oram pra o Ngana reduzir as mortes? – Questionou Benja.

– Ah, isso também são outros 500, depende muito do que cada um acredita, camarada. Mas será que pedir bênção não devia ser entendido como: pedir saúde, protecção e coragem para fazermos bem nosso trabalho, atendendo os desafios que enfrentamos? – rebateu o velho Muaxi.

⁵⁶ *Relativo ao ex-Jogador do SLB e da Selecção de Angola, Pedro Mantorras. Conta-se que certa vez alguém perguntou-lhe: Mantorras é verdade que o angolano responde pergunta com pergunta? Ao que ele respondeu: quem te disse isso?*

CASA MORTUÁRIA – Emprego em Tempo de Crise

– Hum, olha as curvas, essa defesa, ein!
– Epah, esses mambus, é difícil saber... E é verdade que alguns mortos acordam a pedirem socorro para sair?

– Nada disso meu. É como eu já disse, há muito que dizer sobre a morte e tudo que lhe diz respeito. Sabias que muita gente acredita que as pessoas não morrem de verdade, mas que se transformam? E, mesmo nessa crença, as opiniões estão divididas: alguns acham que a transformação só acontece na mesma espécie e gênero, variando em idade, enquanto outros acreditam que alguém pode se transformar de humano para animal, planta ou até mesmo em outro ser. Enfim, são apenas ideias e ideias... – explicou Muaxi.

– Epah, esses mambus, já é difícil saber... E é verdade que alguns mortos acordam a pedirem socorro para saírem? – Questionou Benja.

– Bem, é um bocado difícil responder a isso. Nunca aconteceu comigo durante os meus dias de serviço. Só para não dizer que nem todos fazemos o mesmo trabalho. As morgues também têm diferentes áreas de serviços. Nem todos de nós têm contacto directo com os mortos. Eu por exemplo, entro

CASA MORTUÁRIA – Emprego em Tempo de Crise

mais em contacto directo com os parentes vivos dos mortos, mas um segurança ou aqueles que cuidam directamente dos corpos poderia responder melhor a essa pergunta.

– Eu pessoalmente acredito na ressurreição dos mortos, quer presente como no futuro. – Declarou Muaxi, fez uma pequena pausa, bebeu um gole de água e logo continuou:

– E nem todos os corpos chegam à morgue realmente mortos. Nunca ouviu falar, por exemplo de mortos deixados numa posição, mas que depois são encontrados noutras ou o pior, no chão com indícios de quem lutou bastante para sair de onde foram colocados? Quem nos garante que todos chegam de factos mortos? Quem garante que todos realmente chegam mortos? Só para não evocar a possibilidade milagres aqui. A nossa falta de meios técnicos, em comparação com outros países também é outra desvantagem. Quantas pessoas são levadas às morgues em estado de coma e acabam mortas pelo excesso da frescura? Nos países dos outros por exemplo, a pessoa pode ficar em coma, por meses, sob quase total dependência de máquinas

CASA MORTUÁRIA – Emprego em Tempo de Crise

até recuperar e, só é considerada morta se o cérebro deixa de funcionar?

– Yah, até que parece fazer sentido. Quando o Bad Zé morreu, levamos o corpo dele na morgue, lhe deixamos bem directo numa gaveta sozinho, mas lhe encontramos com boca e os olhos abertos, as mãos a empurrar prá cima. Nos doeu como? Sentimos que bondamos nosso wy! Benja acabou por concordar com uma experiência vivida.

– Assim memu! E você acredita que já ouvi colegas dizerem que mataram zumbis? Mas as perguntas que se colocam são: o que é um zumbi para eles? Pessoas que foram declaradas mortas e acordaram pedindo ajuda? Zumbis têm corpos? E se fosse apenas casos de pessoas que estavam em coma e por algum erro foram consideradas mortas? Vês como esse é um assunto que não pode ser tratado “a vuvulai”⁵⁷, como se faz aqui? Há coisas que os nossos médicos sabem bem, mas, por falta de recursos técnicos e para evitar confrontos com os nguvulos⁵⁸, eles

⁵⁷ Termo da gíria angolana que se refere a pressas ou como tanto faz

⁵⁸ Termo da gíria angolana que se refere a autoridades, governo.

CASA MORTUÁRIA – Emprego em Tempo de Crise

preferem ignorar e fingir que não sabem. – disse Muaxi.

– Yah, até que te escutando bem, faz sentido. Epah, mas se calhar, tudo isso aí é por a morte ser esse tema duro que é, wy⁵⁹. Mas força aí broh! Espero que você não se acostume e fique nesse trabalho aí, a vida toda, um dia ainda morre só alguém na família, vão só te acusar de ser feiticeiro (Risos)... – Disse Benja.

– Fogo, só você memu pah (Risos)!... Assim não posso gostar por quê? Há quem então, o forte dele é mesmo só de ajudar os outros nessa área da vida. As pessoas que perdem familiares, não têm todas, a mesma coragem e forma de lidar com os mortos. Mas também nunca foi meu sonho trabalhar na morgue, estou aqui pelas curvas da vida. Nem sempre tudo o que desejamos é o que conseguimos ter na hora, o importante é que com esse trabalho consigo ajudar muitas pessoas, sustentar a família e pelo menos não preciso roubar alguém para satisfazer minhas necessidades. Assim também estou a ajudar o país a crescer.

⁵⁹ Termo da gíria angolana que se usa para tratar os amigos.

CASA MORTUÁRIA – Emprego em Tempo de Crise

– Yah, nisso tens razão Muaxi, é menos um frustrado e um gatuno pro país (Risos)! A Bia deve ter muito orgulho de ti Mano e se não tem, devia ter – Disse Benjamim.

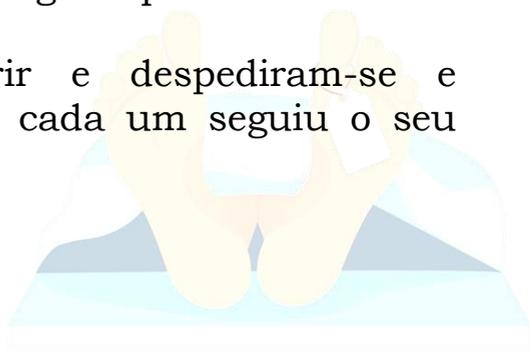
– Só mais uma pergunta: A Bia e os putos não ficam com medo de te abraçar e de dormir contigo por trabalhar na morgue? Perguntou Benja.

– Isso só ela e eles saberiam dizer. Mas eu os entenderia se tivessem... você por exemplo está aqui a me discriminar, mas ainda estou aqui a te ouvir (Risos)... riram os dois.

– Epah, vê se faz o bolso velho! Benja deu uns kwanzas básicos ao Muaxi.

– Vou rezar ao ngana pra você sair daí Muaxi...

Voltaram a rir e despediram-se e bateram o kuli⁶⁰. E cada um seguiu o seu destino.



⁶⁰ Forma de saudar que consiste em formar um soco e tocar ao outro que também deve fazer o mesmo em simultâneo.



Mulher
Árvore

Mulher - Árvore

Na fronteira entre o Kiwembo e o Kimazangi, estende-se um rio pequenito – *Makanga*⁶¹, cujas águas espalham-se pelo chão, no meio da estrada, onde são pisoteadas pelas pessoas e pelos pneus de motocíclos e carros, que daí passam.

Na margem esquerda e na directa, entreolham-se duas lavras. A esquerda no sentido Kiwembo-Kimazangi, uma pequena e a directa no sentido inverso, outra maior – mas ambas esperavam o tempo certo para a lavoura. Eram as plantações do Kintombo⁶²

No meio da pequena lavra, uma árvore cortada até a cintura. A base das raízes revelava-a ser uma de médio porte. No extremo da cintura, uma lacoste de várias cores abandonada. Das cores da lacoste, ficaram-me gravadas na mente a laranja, vermelha, violeta, azul, amarela e a cinzenta.

A queima e o derrube deixavam agora desnuda a terra, antes, coberta por uma pequena vegetação em cada lado. Era a mesma mata antes, agora dividida em duas pela estrada de terra batida. Em cada lado, pode-se ver ainda o relevo e o género do solo:

⁶¹ *Relativo ao deserto, ou o que pertence ao deserto.*

⁶² *Uma das estações do calendário Kongo*

Mulher - Árvore

calcário, areia e argila. Há lugares onde o solo é masculino e noutros, feminino. Mas a terra por essas bandas, faz uma combinação perfeita entre os três.

Como de costume sempre que ando pela mata, gosto de reparar em cada canto no chão, no ar e nas laterais.

Ao reparar no meio da metade de árvore queimada, vi surgir uma linda mulher, pele morena, corpo escultural... confesso que assustei... tentei até gritar e fugir, mas a garganta secou, fiquei sem voz e senti os pés imóveis, atrelados ao chão.

No mesmo instante, o mundo ao meu redor parou. Os meus braços começaram a se abrir, como quem quisesse abraçar a mulher, e o corpo movia-se em câmara-lenta em direcção dela.

– Aí de mim!... Suspirei.

– Será que ainda vou viver? Ou vou morrer hoje? Já vi muitas coisas nessa vida, mas nunca tinha visto, nem só ouvir contar que no meio de uma árvore cortada pode surgir uma linda mulher. Estranhava.

Não vi a planta dos seus pés, nem a finúria dos seus dedos de olho nu; mas imaginei as suas unhas pintadas com cores que os humanos nem sabem que existem. Era

Mulher - Árvore

muito linda. Só não perguntei o nome delas. Podem crer! Existem muitas coisas no universo que a nossa ciência ainda não conhece...

Olhei o seu corpo da cabeça até à cintura, onde o corpo se ligava ao tronco. O Cabelo dela, era de um preto reluzente sem igual. As tranças soltas, como ramos de árvore. Os seus olhos... Ah, os seus olhos!... Por mais que eu queira e tente, não conseguirei descrevê-los. A sua voz, ah!... A voz soava como uma melodia que subia do meu interior aos meus ouvidos. Ela falava fora, mas eu ouvia-a, como se estivesse a falar dentro de mim. Eram as nossas almas conversando.

- Quando é que voltaremos a nos encontrar? Perguntou-me.

Não lembro o que eu respondi. Falamos tanta coisa em tão pouco tempo.

Quem seria aquela mulher? Uma deusa, anjo ou sereia? Mas até onde nos ensinaram os livros, dicionários e os filmes, sereia e não podia ser.

Quando pensei em apreciar e aproveitar o momento, de repente senti um leve sereno a molhar-me o corpo, seguido de uma brisa suave a acariciar-me a secar e a acariciar-me.

Mulher - Árvore

Despertei e senti-me de volta no meu corpo, como quem tivesse caído de um lugar tão alto. Depois, reparei que tinha esse texto tatuado no meu corpo. Só não sei se estava no mesmo lugar descrito no princípio dele. Quando cheguei em casa e comecei a repassá-lo, desfazia-se do corpo como tinta em água, palavra por palavra, frase por frase, conforme ia escrevendo.



AUTORIA

Luís N'zinga, é graduado em Ciências de Educação (Ensino de Sociologia pelo ISCED-Luanda) e em Liderança pela parceria CIBP-AFMIN, é membro da Igreja Evangélica Baptista em Angola. É Educador e membro da Coeso-Angola. É Mentor de Desenvolvimento Pessoal pela Academia Melhor de Mim, com foco em “Mentoria, Desenvolvimento e Apoio de Liderança de Jovens” e “Estratégias para Crescimento e Desenvolvimento de Pessoas” (YALI). Começou a escrever desde 2007, considera-se um pequeno polígrafo. É casado e Pai de uma Menina (Áquila).

Se não for pedir muito gostaria de sentir de você a vibração desta obra que fiz com bastante apreço, mande-me uma mensagem pelas contas abaixo, sobre o que achou dela:

- [Lueji Nzinga – FB](#)
- [Editora Bartumu - Whatsapp](#)

